

**UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO**

**Curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo**

**BÁRBARA LIZ SILVA**

**OS CAMINHANTES**

**Relatos de Migração Internacional em São José dos Campos**

São José dos Campos - SP, 2022

**UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E COMUNICAÇÃO**

**Curso de Jornalismo**

**BÁRBARA LIZ SILVA**

**OS CAMINHANTES**

**Relatos de Migração Internacional em São José dos Campos**

**Relatório apresentado para o Trabalho de  
Conclusão de Curso de Jornalismo, da  
Universidade do Vale do Paraíba.  
Orientadora: Professora Doutora Elizabete  
Mayumy Kobayashi. Co-orientador: Professor  
André Zuzarte**

**São José dos Campos - SP, 2022**



“Somos todos imigrantes. Ninguém tem moradia fixa nessa terra.”

(Papa Francisco)

## AGRADECIMENTOS

A todos os corajosos e corajosas que imigram, que mudam, que vem e que vão, e que têm vidas alteradas, muitas vezes não por escolha própria, pela mudança de ares, e no caso deste livro-reportagem, de Campos.

A minha cidade, São José dos Campos. Que é de muitos cantos, pessoas e histórias. E ao Vale do Paraíba, por sua imensidão linda e inspiradora.

Aos meus gatinhos, Afrodite e Eros (in memoriam), que me trouxeram paz, carinho e alegria nessa jornada acadêmica, foram presenças únicas, atenção e companhia em todo esse trajeto.

A minha orientadora, Bete Kobayashi, incrível professora e amável amiga, que me ajudou em cada etapa, compartilhou o amor por gatinhos e debates e foi um norte essencial. Ao meu co-orientador André Zuzarte que me preparou para falar sobre a imigração e aqueles que imigram.

Aos meus queridos amigos, colegas de profissão e todos os amores que estão em minha vida, dando apoio e atenção ao que eu gostaria de contar nessa obra. Vocês são inúmeros, por isso nomeá-los seria injusto, mas sempre farei questão de exaltá-los pessoalmente.

A minha família, todos e todas que apoiam meus estudos, vibram minhas conquistas e me cercam de amor, sempre que preciso.

Ao meu pai, que colocou um lápis na minha mão e me ensinou as sílabas numa tardezinha de 2004, esse projeto, de certa forma, começou com um empurrãozinho seu.

Um agradecimento especial à mamãe, minha Nana, que me inspirou a escrever sobre o que gosto e me ensinou a contar a minha história também. Sempre digo, mas a senhora merece uma coletânea inteira para falar de você. Gratidão!

Aos Céus e suas bênçãos e cuidados, a quem não sou capaz de nomear, mas sempre estiveram comigo.

## RESUMO

Este trabalho busca produzir um livro-reportagem através da pesquisa bibliográfica e coleta de dados e documentos fornecidos por acervos nacionais e grupos de pesquisa acadêmicos, que tratam a respeito da imigração na cidade de São José dos Campos, para relatar, através da peça jornalística, como é a convivência e o dia a dia de imigrantes de diferentes nacionalidades em São José, localizada no interior de São Paulo. O objetivo geral do trabalho, é estabelecer qual o olhar do imigrante sobre o município, e entender porque ele opta pela localidade, considerando que a cidade está ranqueada como a quarta maior a receber estrangeiros dentro do interior do estado de São Paulo, segundo os estudos do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Unicamp. O estudo inicial sobre a imigração em São José dos Campos foi feito a partir de uma pesquisa bibliográfica, e a fim de compreender também a visão e o entendimento do joseense e de demais munícipes de cidades vizinhas que fazem parte da região do Vale do Paraíba, sobre a presença imigrante na cidade, foi realizada uma pesquisa exploratória. Foram realizadas entrevistas com três personagens imigrantes que residem ou fazem atividades cotidianas na cidade, para que o produto final fosse elaborado com base nesses relatos. Alguns conceitos, como a ‘migração’ (GUITARRARA, 2016), ‘imigrante’ (GIROTO, 2020) e o ‘Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo’ (BAENINGER, 2020), também foram estudados para compreender as análises realizadas em cada material e em cada etapa de pesquisa. O produto do trabalho apresentou as perspectivas positivas que os imigrantes possuem a respeito da cidade, da região do Vale, e apontou que a hipótese de um dos objetivos específicos a respeito da xenofobia sofrida pelos estrangeiros, estava correta, e, portanto, a peça conta com reflexões acerca do tema.

**Palavras-chave: Imigrantes; São José dos Campos; Migração; São Paulo; Atlas Temático.**

## ABSTRACT

This work seeks to analyze data and documents provided by national collections and academic research groups about immigration in the city of São José dos Campos, to report, through a book-report, how is the coexistence and daily life of immigrants from different nationalities in São José, located in the interior of São Paulo. The general purpose of the work is to establish the immigrant's view of the municipality, and to understand why he chooses the location, considering that the city is ranked as the fourth largest to receive foreigners within the interior of the state of São Paulo, according to studies from Unicamp's Population Studies Nucleus (NEPO). The initial study on immigration in São José dos Campos was based on a bibliographic research, and in order to also understand the vision and understanding of the people of São José and other residents of neighboring cities that are part of the Vale do Paraíba region, on the immigrant presence in the city, exploratory research was also carried out. A case study was applied through interviews with immigrant characters so that the final product was prepared based on these reports. Some concepts, such as 'migration' (GUITARRARA, 2016), immigrant (GIROTO, 2020) and the 'Thematic Atlas: Migration Observatory in São Paulo' (BAENINGER, 2020) were also studied to understand the analyses performed on each material and at each stage of research. The product of the work presented the positive perspectives that immigrants have about the city, the region of the Valley, and pointed out that the hypothesis of one of the specific objectives regarding the xenophobia suffered by foreigners was correct, and, therefore, the play has reflections on the topic.

**Keywords: Immigrants; São José dos Campos; Migration; São Paulo; Thematic Atlas.**

## RESUMEN

Este trabajo busca analizar datos y documentos proporcionados por colecciones nacionales y grupos académicos de investigación sobre la inmigración en la ciudad de San José de los Campos, para informar, a través de un libro-reportaje, cómo es la convivencia y la vida cotidiana de los inmigrantes de diferentes nacionalidades en San José, ubicado en el interior de São Paulo. El objetivo general del trabajo es establecer la visión del inmigrante sobre el municipio y comprender por qué elige el lugar, considerando que la ciudad se ubica como la cuarta más grande en recibir extranjeros en el interior del estado de São Paulo, según estudios del Núcleo de Estudios de Población de la Unicamp (NEPO). El estudio inicial sobre la inmigración en San José de los Campos se basó en una investigación bibliográfica, y con el fin de comprender también la visión y el entendimiento de la gente de San José y otros residentes de las ciudades vecinas que forman parte de la región del Vale do Paraíba, sobre la presencia inmigrante en la ciudad, se realizó una investigación exploratoria. Se aplicó un estudio de caso a través de entrevistas a personajes inmigrantes para que con base en estos informes se elaboró el producto final. Algunos conceptos, como 'migración' (GUITARRARA, 2016), 'inmigrante' (GIROTO, 2020) y el 'Atlas Temático: Observatorio de Migraciones en São Paulo' (BAENINGER, 2020), también fueron estudiados para comprender los análisis realizados sobre cada material y en cada etapa de la investigación. El producto del trabajo presentó las perspectivas positivas que tienen los inmigrantes sobre la ciudad, la región del Valle, y señaló que la hipótesis de uno de los objetivos específicos sobre la xenofobia que sufren los extranjeros era correcta, por lo que la obra cuenta con reflexiones sobre el tema.

**Palabras llave: Inmigrantes; San José de los Campos; Migración; São Paulo; Atlas temático.**

## **Lista de figuras**

FIGURA 1 - Senhor Yoichi Kurotaki na praça Mário Cesare Porto, zona sul.....	32
FIGURA 2 - Dona Ludmila Saharovsky em sua residência em Jacareí.....	33
FIGURA 3 - Família Guerra. Da esquerda para direita: Paola Guerra, Joaquim Guerra e Tomás Guerra.....	34

## **Lista de gráficos**

Gráfico 1 - Você conhece e/ou convive com algum imigrante que vive ou realiza outras atividades em São José dos Campos.....	29
Gráfico 2 - Quais suas nacionalidades?.....	29
Gráfico 3 - Quais atividades este imigrante realiza na cidade?.....	30
Gráfico 4 - Você se interessaria em ler um livro-reportagem que traga relatos de imigrantes que vivem e realizam atividades em São José e região?.....	31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>14</b>
<b>3. RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS</b>	<b>25</b>
<b>4. APRESENTAÇÃO DA PEÇA JORNALÍSTICA</b>	<b>26</b>
<b>4.1 Concepção (pré-produção)</b>	<b>28</b>
<b>4.2 Execução (Produção)</b>	<b>35</b>
<b>4.3 Finalização (Pós-produção)</b>	<b>37</b>
<b>5. ORÇAMENTO</b>	<b>39</b>
<b>6. CRONOGRAMA</b>	<b>40</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO - ENTREVISTAS COM OS IMIGRANTES</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO - FICHAS DE ORIENTAÇÃO</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA E IMAGENS</b>	<b>83</b>
<b>ANEXO - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO - IMAGENS DE ACERVO E CAPTURAS</b>	<b>87</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este projeto apresenta as discussões e resultados das pesquisas bibliográficas e exploratórias sobre a presença e o relato de imigrantes em São José dos Campos, e qual a motivação para permanecerem na cidade como residentes, ou na realização de atividades, e cujo objetivo é produzir um livro-reportagem como produto final deste Trabalho de Graduação em Jornalismo, pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).

A proposta da peça jornalística é entender como é a relação dos imigrantes com a cidade de São José dos Campos e a região do Vale do Paraíba, e qual histórico da imigração na cidade é possível perceber com seus relatos. A união desses relatos foi feita por meio de entrevistas com imigrantes que possuem conexões com a cidade de São José dos Campos e com a região do Vale do Paraíba, e que chegaram na cidade por diferentes motivos, e em diferentes momentos da história do município. O produto gerado a partir desses relatos e momentos históricos da cidade, é um livro-reportagem nomeado “Os Caminhantes - Relatos de Migração Internacional em São José dos Campos”.

A imigração no Brasil está presente desde os primórdios da construção da atual sociedade que reside no país (BRZOZOWSKI, 2012). A chegada de imigrantes se apresentou de diferentes formas no cenário nacional, considerando a política colonialista e de exploração inserida no território, o que levou a diferentes formações sociais na história do país. Fora as migrações forçadas de residentes dos países no continente africano, com o passar dos séculos, as migrações de estrangeiros vindos da Europa, Ásia e mesmo de outros países da América Latina, começaram a fazer parte também do histórico econômico do país e da construção de grupos, sociedades e colônias dentro da colônia.

Estudos recentes do Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Unicamp, apontaram que um dos centros metropolitanos dentro do estado de São Paulo que chamam a atenção quanto a presença imigrante no país, está localizado no Vale do Paraíba, na região administrativa de São José dos Campos, composta por 39 cidades. A maior delas, São José dos Campos, é a quinta cidade dentro do estado de São Paulo, e quarta no interior do estado, com o maior número de registros de imigrantes (BAENINGER, 2018, pg. 355), contando com 7.571 registros entre 2000 e 2019. Após a leitura do Atlas, a pergunta que guiou a elaboração deste trabalho e a escrita da peça jornalística, foi “quem são os imigrantes vivendo na cidade de São José dos Campos, e qual sua relação com a cidade?”, a fim de compreender como é habitar o município e quais os resultados dessa convivência

em suas vidas. Mais especificamente, propiciar ao leitor refletir sobre como a cidade está classificada para esses imigrantes em conceitos como desenvolvimento, qualidade de vida e abertura de oportunidades, apontar se existem casos notáveis de xenofobia e preconceito contra imigrantes relatados pelos entrevistados, e ainda analisar que pontos presentes na cidade de São José dos Campos e na região vale-paraibana propiciam a vinda e permanência de imigrantes. Pensando nisso, o papel social do jornalismo foi estudado para compreender ainda a importância de trabalhar o jornalismo de dissenso e revelar detalhes da sociedade, muitas vezes fora do alcance de alguns ciclos sociais, a fim de levantar debates e reflexões sobre temas que acabam à margem do imaginário cotidiano.

Para entender a proximidade dos cidadãos de São José e da região metropolitana do Vale com a população imigrante e entender a viabilidade do produto, foi realizada uma pesquisa divulgada para 637 pessoas, onde cerca de 58% dos entrevistados indicaram que conhecem e/ou já conviveram com um imigrante na cidade. No entanto, apesar de alguns históricos sobre a imigração na cidade, não há um relato divulgado sobre como diferentes estrangeiros que vivem ou praticam determinadas atividades na cidade em diferentes períodos, enxergam sua relação com o município e avaliam como se sentem no local. Ademais, identificou-se na pesquisa que os moradores de São José, brasileiros, reconhecem a xenofobia presente no dia a dia dos imigrantes, o que também é retratado na fala dos estrangeiros entrevistados, o que levou a autora a querer entender como se posicionam os dois grupos diante desta forma de preconceito.

Com base nesse estudo, o trabalho busca mapear parte desses imigrantes que vivem em São José dos Campos, ou que contam com algum histórico na cidade, para relatarem suas histórias e como a cidade influencia no seu dia a dia e nas atividades realizadas. A partir disso, é feita a ligação entre a permanência dos imigrantes e as diferentes fases da cidade, que são trabalhadas no referencial teórico do trabalho, ao estudar a cidade de São José dos Campos.

Também para compreensão do tema escolhido, os termos “imigração”, “migração” e “imigrantes” foram estudados para retratar quem são as personagens presentes no livro, e para isso dividiu-se ainda o referencial nos demais tipos de imigração existentes, como a imigração por refúgio e por aspectos econômicos, definidos por Guitarrara (2016) e Giroto (2020).

Para justificar o uso do livro-reportagem como produto acerca do tema da imigração em São José dos Campos e para conhecer o público-alvo, foi realizada uma pesquisa exploratória com joseenses e pessoas da região metropolitana do Vale do Paraíba. A pesquisa obteve um retorno positivo sobre o interesse dos entrevistados na leitura de um livro-reportagem que traga relatos de

imigrantes que vivem e realizam atividades na cidade, com 97,3% de aprovação (GRÁFICO 4, pg, 16). O livro-reportagem foi conceitualizado seguindo as obras “Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura” e “O que é livro reportagem” de Edvaldo Pereira Lima, e “*Livro-reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo*”, de Andreia Terzario Couto, que, segundo os autores, expõe a relação do jornalismo com o campo literário e reforça o caráter da reportagem aprofundada. O livro-reportagem ainda se apresenta como um produto que permite o aprofundamento de temas, e uma mostra do jornalismo de trabalhar como um “jornalismo de dissenso”, e atuar como um serviço social que busca compreender, explicar e orientar sobre diferentes temas.

Após a definição do tema e dos conceitos que serão trabalhados no livro-reportagem, para a pré-produção da obra foi feito o mapeamento das personagens, seguindo seus relatos e os diferentes momentos em que chegaram na cidade de São José dos Campos, para assim relacionar seu histórico com a cidade, observando a fase em que o município se encontrava.

A peça jornalística passou pelo processo de concepção, com a decisão da modalidade a ser desenvolvida neste trabalho de graduação, seguindo os teóricos da área que definem o que é o livro-reportagem, como instrumento de comunicação lítero-jornalística (LIMA, 2009). Passou a ser construído após a realização das entrevistas, definição de temas e divisão dos capítulos, e, finalmente, na fase de pós-produção, foi finalizado e passou pelos processos de correção e confecção das versões físicas e em e-book.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção deste trabalho, alguns dos conceitos estudados para o entendimento do tema escolhido, foram:

- **Migração**

Como é parte deste trabalho entender os chamados “fluxos migratórios” na localidade escolhida, foi estudado o conceito de “migração”. O termo migração corresponde à mobilidade espacial da população. Migrar é trocar de país, de Estado, Região ou até de domicílio. Desde o início da história humana, o processo de migração ocorre por diferentes motivos. Conforme o documento do conceito de Migração disponibilizado pela UFRJ:

O ato de migrar faz do indivíduo um emigrante ou imigrante. Emigrante é a pessoa que deixa (sai) um lugar de origem com destino a outro lugar. O imigrante é o indivíduo que chega (entra) em um determinado lugar para nele viver. Os fluxos migratórios podem ser desencadeados por diversos fatores. Dentre os principais fatores que impulsionam as migrações podem ser citados os econômicos, políticos e culturais. Existem três variáveis para se classificar os tipos de migrações: o espaço de deslocamento, o tempo de permanência do migrante e como se deu a forma de migração. Se for considerado o espaço de deslocamento do migrante, tem-se a migração internacional e a migração interna. (UFRJ, 2011)

Segundo Brzozowski (2012), a migração é uma tradição presente no Brasil desde o princípio da datação histórica do país, em principal pela chegada de estrangeiros em terras brasileiras. Durante apenas cinco décadas, o número de migrantes internacionais no mundo quase triplicou, de 76 milhões em 1960, para 214 milhões em 2010 (Desa, 2009).

Para um estudo mais centralizado, buscou-se analisar a situação da maior cidade da região metropolitana do Vale do Paraíba, São José dos Campos, que, segundo o Atlas Temáticos das Migrações Internacionais no estado de São Paulo (BAENINGER, 2020, p. 355) conta com 7.571 imigrantes registrados entre os anos de 2000 e 2019. Sendo assim a 5ª maior em todo estado, e 4ª no interior, com registro entre os períodos citados. Ainda segundo o Atlas temático, no ano de 2019, São José dos Campos contava com 381 imigrantes internacionais com registros ativos (BAENINGER, 2020, p. 192).

O estudo determina ainda o ano de registro, o tipo de registro de cada imigrante, sexo, e ainda os classifica quanto à ocupação, e o tipo de amparo legal. A partir dele, foi possível iniciar as

pesquisas acerca dos diferentes tipos de personagens que seriam mapeados para a construção do livro-reportagem.

- **Imigração**

Para entender o fenômeno retratado no livro-reportagem, buscou-se conceituar a Imigração. Segundo Guitarrara (2016), a imigração define-se de forma ampla como a entrada de um indivíduo em um território ou espaço geográfico que não seja o de origem. A maioria dos imigrantes busca algum tipo de melhoria ao realizar essa mudança de ambiente, o que também é avaliado.

Diversas causas podem estar associadas a esses deslocamentos, como a busca por trabalho, melhor colocação profissional e melhores condições de vida; desastres naturais e situações climáticas extremas; crises políticas e socioeconômicas; e perseguições étnicas e religiosas. (GUITARRARA, 2016)

Guitarrara ainda define alguns tipos de imigração, que foram estudados para identificarmos os que se relacionam com as personagens do livro-reportagem.

No caso da imigração por causas econômicas, ela está geralmente relacionada com a busca por melhores condições de emprego, de salários, e melhores condições de vida. Guitarrara (2016) ainda aponta que muitos países e centros industriais também trabalham com a “imigração de cérebros”, que se refere na entrada de profissionais e mão-de-obra qualificada para empresas e indústrias, que acabam acarretando um maior reconhecimento para esses indivíduos. No entanto, principalmente nas imigrações por trabalho e fatores econômicos mais antigos, essas movimentações eram causadas na busca de oportunidades que geralmente não existiam no país de origem.

Em casos específicos, a imigração é incentivada como forma de ampliar a oferta de mão de obra no país, notadamente naqueles pouco populosos ou onde há o avançado processo de envelhecimento populacional, diminuição gradativa da população economicamente ativa e aumento das taxas de dependência. (GUITARRARA, 2016)

Já no caso da imigração por guerras, conflitos, crises de caráter político, perseguições religiosas, étnicas, culturais ou civis, apresentam-se as situações em que os imigrantes que acabam saindo de sua terra natal para outro ambiente, acabam “forçados” a essa situação, e por isso, viu-se mais adequado utilizar-se o termo “refugiados” segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)"

Essas causas, que podem ter origem tanto estrutural quanto conjuntural, têm se mostrado cada vez mais comuns para os

deslocamentos de pessoas atualmente. Observamos o grande número de venezuelanos que ingressaram no Brasil, para fugirem na situação de crise no seu país, como um exemplo. (GUITARRARA, 2016)

Especificamente no Brasil, segundo Guitarrara (2016), pode-se perceber que como a história do país é marcada pela colonização e de certa forma, a chegada de imigrantes, toda a composição da história brasileira é marcada por ciclos de imigração, iniciadas pela vinda dos colonizadores europeus, e em seguida pela imigração forçada dos escravizados africanos.

Já no século XIX, com o crescimento da indústria nacional e chegada de outras fabricantes estrangeiras, há uma nova corrente migratória que conta com países de diferentes continentes como Alemanha, Itália, Ucrânia, Hungria, Japão e outros.

Mais recentemente, no século XX apresentou-se uma reorientação dos fluxos, que passaram a ter origem, em sua maioria, nos países do sul, como as nações latino-americanas de maior proximidade. Esses dados foram apontados pelo Observatório das Migrações Internacionais do Ministério da Justiça brasileiro, em relatório anual publicado no ano de 2020.

- **Imigrante**

Baseando-se na lei n.º 13.445, de 24 de maio de 2017 (BRASIL, 2017) é possível definir imigrante como “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil” (BRASIL, 2017).

Segundo Giroto (2020), pode-se dizer, então, que imigrante é aquele indivíduo que sai de seu país de origem à busca de inserção em outro território. Essa condição encontra-se nas histórias dos três imigrantes retratados.

No caso dos imigrantes refugiados, no Brasil, a partir da Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, eles ainda são definidos como aqueles que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (BRASIL, 1997, p.1).

Sendo assim, compreende-se que o refugiado é aquele indivíduo que está em condição de vulnerabilidade relacionada a perseguições, e não tem sua segurança garantida pelo Estado de seu local de origem, podendo mesmo ser perseguido por este. Desta maneira, uma das únicas formas de sobrevivência dessas pessoas é a fuga do contexto do qual fazem parte, segundo Giroto (2020, p.165). A história de dona Ludmila Saharovsky encaixa-se neste conceito, e por isso, é importante ressaltar essa particularidade quanto à migração por refúgio.

- **Xenofobia**

Durante a realização das entrevistas desse livro, os personagens imigrantes foram questionados a respeito de episódios explícitos de preconceito advindos de sua origem estrangeira, e possíveis demais estereótipos gerados por preceitos definidos em sociedade sobre suas nacionalidades. Todos afirmaram que isso ocorreu em suas trajetórias, e alguns ainda contaram sobre esses momentos. Portanto, torna-se necessário referenciar que a xenofobia, é considerada o “medo do desconhecido”, do grego *xenos* (“estrangeiro”) e *phobos* (“medo”). Segundo Garza (2011), o fenômeno é histórico e observado por antropólogos na antiguidade, e é ainda comum no século XX, por conta da globalização, ainda que, por conta dela, o ser humano já tenha lidado com as consequências do racismo, etnocentrismo, e demais movimentos que costumam gerar “desconforto” em sociedades e povos, por uma espécie de receio de perda de identidade, o que, de acordo com a autora, é uma situação arcaica, um medo irracional.

A crise econômica e social sentida em diversos países no final do século XX foi o ponto de partida para uma manifestação agressiva de xenofobia, que se viu refletida desde os conteúdos de certos cartazes/panfletos e discursos até aos atos de violência de todo o tipo. Os meios de comunicação, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento da xenofobia ao apresentarem os costumes e culturas estrangeiras como dimensões estranhas e alheias à identidade nacional. (GARZA, 2011, pg. 3).

Os exemplos citados acima, como pontos que explicam alguns dos motivos para a continuidade da xenofobia como forma de manifestação dos povos contra culturas desconhecidas e estrangeiros, estão presentes em relatos como o do senhor Yoichi Kurotaki, que aponta como os imigrantes da colônia japonesa que chegaram no início da década de 1960, se tornaram uma ameaça

inclusive para os imigrantes mais antigos, devido a processos de rotulação de estrangeiros, como apresentado por Carneiro (2018) ao citar os movimentos da Era Vargas que separaram os imigrantes japoneses da sociedade, taxando-os como o “perigo amarelo”, cerceando seus direitos de conviver em sociedade e falar sua língua materna, por exemplo.

- **Atlas Temático das Migrações em São Paulo**

Para compreender em nível regional se havia um reflexo desse histórico migratório no país, durante a pesquisa bibliográfica, foi estudado o Atlas Temático do Observatório das Migrações em São Paulo, em parceria com o Observatório das metrópoles, que se conceitua em um estudo que “revela os espaços das migrações internacionais em São Paulo em áreas metropolitanas e não metropolitanas, com a forte presença de contingentes imigrantes de diferentes nacionalidades e perfis sociodemográficos” (BAENINGER, 2020).

Na obra, compreendeu-se que a imigração tinha uma ligação expressiva com a região de estudo, o Vale do Paraíba e em São José dos Campos, área principal citada no trabalho, e que com a quinta posição da cidade no ranking de registros de imigrantes entre os anos de 2000 e 2019, além da importância econômica e social da região metropolitana, era viável estabelecer parte das personas listadas pelo Atlas, através do produto deste trabalho de graduação.

- **Livro-reportagem**

O livro-reportagem é um gênero literário de não-ficção e jornalístico que narra uma extensa reportagem que não teria como ser publicada nos padrões das mídias convencionais, como o jornal e a revista. Dessa forma, o autor tem a liberdade de se aprofundar na história e no relato dos personagens. Unindo as técnicas jornalísticas com a literatura, pode-se transmitir com mais clareza e diferentes públicos os históricos da imigração trabalhados na obra “Os Caminhantes”, assim como o histórico da cidade de São José dos Campos.

Em sua apresentação do conceito de livro-reportagem, Martins (2021) descreve esse detalhamento no contar das histórias dentro da modalidade, que permite uma maneira mais extensa e simples de definir termos, momentos e relatos, algo fora da forma convencional de escrita padrão da maior partes dos meios de comunicação jornalísticos, incluindo uma participação mais presente e assertiva do jornalista enquanto autor, o que ocorre na peça jornalística elaborada neste trabalho.

Com os livros-reportagens, os jornalistas ganham uma liberdade na escrita, podendo utilizar técnicas literárias, o que resulta em um texto mais próximo da literatura do que o jornalístico convencional. Além disso, é comum que jornalistas se coloquem como personagens ou narradores nas obras literárias. (MARTINS, 2011)

Para Lima (2009), a base do livro-reportagem é ser um modelo de veículo de comunicação literário com essência jornalística. A maioria dos livros-reportagem é escrita por jornalistas e os fundamentos utilizados são determinados por princípios do jornalismo como um todo. Desta maneira, o autor ainda afirma que o jornalismo, como um segmento da comunicação de massa, tem por finalidade informar, explicar e orientar.

O que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa. O alimento dessa função é a ocorrência social, sobre a qual se debruça o jornalismo para, a partir daí, manter a sua audiência a par dos acontecimentos, possibilitando-lhe orientar-se diante da avalanche de ocorrências relevantes na sociedade moderna (LIMA, 2009, p.11-12).

A escolha da modalidade do livro-reportagem ainda foi endossada, pois segundo Lima (2009), a reportagem é o espaço onde o jornalista consegue articular suas análises, sendo um "relato" com aprofundamento, que trabalha todos os elementos de um 'lead' jornalístico, com começo, meio, e fim, concluindo ou não algum fato, ou, como neste livro-reportagem, levando o leitor a uma reflexão acerca do assunto estudado.

Neste livro, foram entrevistados imigrantes que são moradores ou que possuem histórias na cidade de São José dos Campos, e que viveram ou vivem em diferentes regiões do município, e que ainda chegaram na cidade em diferentes momentos e por diferentes motivos. O livro-reportagem busca apresentar os relatos desses moradores, entendendo o contexto de ser imigrante e explicando qual o significado da cidade, e mesmo da região vale-paraibana, em suas histórias, e ainda realizar um paralelo do desenvolvimento de São José durante as passagens dos entrevistados pelo local. A obra conta ainda com visões técnicas sobre o trabalho jornalístico pelo ponto de vista da autora, incluindo suas perspectivas e situações pessoais sobre sua relação com a cidade e a imigração no país, e mesmo em seu âmbito familiar.

Considerando que construímos um livro sobre relatos de migração internacional na cidade de São José dos Campos, está referenciada abaixo três das propostas de livro-reportagem apresentadas por Lima (2009). O livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ensaio, e o livro-reportagem- atualidade. O livro-reportagem-retrato tem como objetivo traçar um retrato do objeto de estudo em questão, entendendo sua origem, as funções, os problemas e as questões ao redor

dele, a fim de gerar algum impacto através de um serviço educativo. Este modelo “focaliza uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão” (LIMA, 2009, p.53). Já o livro-reportagem-atualidade, apesar de falar de um fenômeno antigo no país, a imigração, os diferentes personagens relatam diferentes momentos de suas histórias e da cidade, que também contam com episódios atuais, que ainda estão surtindo efeito na sociedade, o que "assim, permite o leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro” (LIMA, 2009, p.56). E por fim, o modelo livro-reportagem ensaio, também está presente por contar com as perspectivas e apontamentos da autora durante sua concepção.

- **Jornalismo Social**

Dentre os objetivos específicos deste trabalho, relatar e trazer reflexão a respeito das histórias contadas pelos personagens a respeito de sua convivência como imigrantes em São José dos Campos, foi um ponto elaborado a fim de gerar um valor social para a obra e possibilitar que tanto os pontos positivos quanto os negativos trazidos pelos personagens, pudessem ser trabalhados pela comunidade nata da cidade de São José dos Campos, da região vale-paraibana, e mesmo do país. Portanto, o papel social do jornalismo, princípio em que a autora se norteou, é ferramenta base deste trabalho. Segundo Gallas (2014), a contribuição social do jornalismo está além de cuidar do saber social, mas ser um aliado aos princípios democráticos, por uma informação pública de qualidade e transparente.

O jornalismo não pode ser equiparado à ciência, mas possui a capacidade de interpretar a linguagem científica de forma que esta seja acessível a um público heterogêneo – afinal, as notícias também são formas de conhecimento na sociedade contemporânea. Da mesma maneira, uma comunidade é capaz de identificar os assuntos que são de seu interesse e expô-los de acordo com o entendimento de todos os indivíduos daquele universo.

Pensamos que a democratização do acesso ao conhecimento descentraliza o poder e, portanto, contribui com o fomento da cidadania entre o público. (GALLAS, 2014)

Em seu conceito geral, o jornalismo “padrão”, dito como *neutro e imparcial*, sempre teve como base possibilitar uma comunicação clara e alcançar o maior público possível, conforme o

interesse do material e ciente da diferença que o acesso a esse tipo de informação pode fazer na comunidade.

No conceito amplo (...), o jornalismo é a atividade de natureza técnica caracterizada por compromisso ético peculiar. O jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público (o seu público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos (...) e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas, coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis. (LAGE, 2013, p. 21)

Com base nesses princípios e fundamentos do jornalismo, o livro-reportagem, peça com base jornalística primordial, e também produto deste trabalho, busca ampliar a visão social a respeito dos imigrantes e dar voz para as personagens retratadas através de um material literário que apresenta o ponto de vista dos entrevistados e reúne dados para embasar essas visões de forma responsável e ainda apresentar as histórias de forma a expandir o interesse público.

- **Habitar**

Com o objetivo de relatar sobre a vida dos estrangeiros entrevistados para a peça-jornalística, e considerando que o termo “viver” associa-se comumente à existência do ser, a palavra melhor encontrada para compreender a visão dos imigrante sobre sua estadia na cidade foi *habitar*, referente, portanto, à habitação e morada em um determinado local. Além disso, durante busca do termo pelo dicionário, encontrou-se também a definição de “estar presente em”, o que se encaixa nos relatos apresentados pela autora no produto deste trabalho de graduação.

Conforme a visão filosófica estudada por Saldanha e Klautau (2016) do que é habitar, o termo vai além de residir, ter uma habitação física ou simplesmente preencher um espaço geográfico. Segundo Heidegger (1951/1954), nem toda construção possibilita habitar, mas o habitar um local, estar presente nele, significa construir na medida em que se é habitante do espaço. Formar laços e reconhecer o local em que se reside.

O *habitar* abrange, na verdade, todas as formas pelas quais o homem *constrói* o mundo onde vive, seja um caminho, uma tecelagem, uma usina elétrica, etc. Vale dizer: o homem habita tudo aquilo que é capaz de construir. Nessa medida, o *habitar*

pode ser entendido como *o fim a que se propõe todo construir*.  
(SALDANHA; KLAUTAU, 2016)

Assim como na visão apresentada pelos teóricos, os imigrantes entrevistados apontam em diversas passagens que além de morarem na região estudada, todas as atividades que exerceram e exercem na cidade de São José dos Campos e em outros municípios do Vale do Paraíba, estiveram intrinsecamente ligadas à construção de suas vidas nestes espaços, o que os torna habitantes do local, moradores do espaço, e detentores do que significa para cada um, os ambientes presentes nele.

- **São José dos Campos**

Para compreender o significado da cidade de São José dos Campos para os imigrantes entrevistados, foi necessária uma pesquisa bibliográfica para compreender como a cidade se desenvolveu e o que a torna hoje, um local reconhecido como polo da tecnologia e inovação e a primeira cidade inteligente do Brasil.

O município de São José dos Campos está localizado no estado de São Paulo, na região metropolitana do Vale do Paraíba. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o município possui 737.310 habitantes, em 2021. Situado entre o eixo das capitais Rio-São Paulo, com a inauguração da Via Dutra em 1951 e a instalação do Centro Técnico Aeroespacial (CTA), consolidou a economia industrial, desenvolvendo a demografia do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2021).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade conta com uma população estimada em 737.310 habitantes, o nível de escolarização de crianças e jovens entre 6 e 14 anos, de 97,4%, o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,807 e um saldo positivo entre despesas realizadas e empenhadas.

Anteriormente ao começo da indústria na cidade, ela foi amplamente conhecida e obteve fama por sua Fase Sanatorial, citada nos dois primeiros capítulos do produto deste trabalho. Segundo Silva (2020), esta fase de São José dos Campos inicia-se oficialmente no ano de 1935, mas tem um marco importante no ano de 1924, com a instalação do Sanatório Vicentina Aranha no dia 27 de abril. O local foi inaugurado pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, e era um dos maiores centros para tratamento de tuberculose da América Latina. Foi o primeiro sanatório da cidade e um dos primeiros do país.

A Prefeitura de São José dos Campos comprou o antigo Sanatório em 2006, e em 2007 ele foi aberto ao público, fazendo parte de uma nova fase da história da cidade. Conforme Silva (2020), mesmo o comércio foi atingido pelo status do sanatório, já que foi preciso iniciar a construção de diversas edificações, prédios, e lojas ligados aos tratamentos com os doentes, como clínicas e farmácias, o que fez com que a antiga Vila de São José, fosse realmente vista como cidade, título adquirido já em 1864, e com comarca própria já em 1872.

Após esse período do município, uma das principais motivações para o rápido crescimento e bons níveis de desenvolvimento na cidade, além da vinda de imigrantes para São José, está na industrialização que se iniciou no começo do século XX. Para observarmos as fases industriais da cidade, seguimos a história de São José dos Campos, presente no Pró-Memória desenvolvido pela Câmara Municipal da cidade e que conta com a participação das colaboradoras doutoras Maria Aparecida Papali, Valéria Zanetti, e pela mestre Maria José Acedo del Olmo. O texto “São José dos Campos e sua história” divide a industrialização na cidade em três fases:

A primeira fase situa-se entre os anos de 1920 e o final da década de 1940. Nesse período, e em sintonia com o processo de industrialização mais geral, as indústrias instaladas em São José dos Campos representam o setor de cerâmica e tecelagem.

A segunda fase industrial de São José dos Campos aconteceu a partir da década de 1950 até final dos anos 1960. O parque industrial de São José dos Campos nesse momento toma novo alento e caracteriza-se pela diversidade da produção.

A modernização na tecelagem começa com a vinda das fábricas Kanebo e Rodhosá (Rhódia), e demais indústrias variadas como: Johnson e Johnson (1953), na área farmacêutica; Ericsson (1954), telefones e componentes eletrônicos; Bendix (1957) eletrodomésticos; General Motors (1957) automóveis; Eaton (1959), indústria de peças para automóveis; e ainda no final dos anos 1950, desponta uma indústria aeronáutica, a Avibras (1957), Alpargatas (1961) indústria de calçados e a Kodak (1969).

Ainda segundo a divisão do texto, a terceira fase da industrialização de São José dos Campos começa a partir dos anos 70 e representa mais um marco na história da cidade. Essa fase contou com a criação da Embraer, em 1969, que acentuou o perfil da cidade em relação à alta tecnologia e incentivou a vinda da indústria bélica na cidade. Esses aspectos foram importantes para a vinda de imigrantes, como cita o texto:

A indústria hoje exige uma mão de obra extremamente qualificada, o que faz com que São José dos Campos continue como polo de atração de migrantes, tanto de dentro como de fora do país.

Além disso, a industrialização transformou a paisagem urbana joseense, justamente para atender as demandas dos novos trabalhadores. Shoppings, grandes supermercados, avenidas largas, concentração imobiliária. São José perdeu o aspecto interiorano e pacato de suas congêneres do Vale do Paraíba e transformou-se, conseguindo com isso não só as benesses do crescimento e desenvolvimento como as mazelas das grandes cidades.

(PRÓ-MEMÓRIA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS)

Por fim, as fases mais recentes da cidade, inclusive da certificação recebida pela ABNT de primeira Cidade Inteligente do Brasil, também estão presentes na construção do livro-reportagem, apontando mais da evolução pela qual a cidade passou dentro de um século.

### 3. RELATO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A metodologia trabalhada para a pesquisa deste projeto foi a pesquisa bibliográfica e documental e a coleta de dados, que envolveu a busca por informações a respeito dos registros de migrações internacionais na região administrativa de São José dos Campos e do Vale do Paraíba. A partir disso, foi utilizado como base para o projeto o Atlas Temático das Migrações em São Paulo e o Observatório das Metrôpoles - Migrações Internacionais de 2020, para relacionar com as informações e relatos utilizados para a construção do livro-reportagem.

Para justificar o projeto, foi realizado um levantamento através da divulgação de um formulário para pessoas da região de São José dos Campos e cidades vizinhas, a respeito de sua convivência com imigrantes e seu interesse por consumir um livro-reportagem sobre o tema. Os resultados obtidos na pesquisa, que teve 637 participantes, apresentaram uma resposta positiva sobre a realização de um livro-reportagem que relatasse história de imigrantes que convivem com a cidade de São José dos Campos. Também foi definido na pesquisa, que grupos de imigrantes estão presentes no dia a dia dos joseenses, como se supunha pela autora, e as motivações pelas quais migraram se relacionavam com o dos imigrantes sendo mapeados.

Com isso, foi realizada a pesquisa para conceitualizar o que é o imigrante e o significado de imigração, que resultou em diferentes tipologias envolvendo a imigração, sendo a imigração por causas econômicas, imigração por guerras, conflitos e crises de caráter político, que são apresentados por Guitarrara (2016),

A partir disso, foram feitas entrevistas com imigrantes de três países diferentes, que compõem diferentes continentes do mundo, e que vieram para o Brasil por diferentes motivos, e se estabeleceram em São José dos Campos também por motivações variadas. As personagens citadas foram mapeadas com base nos seus diferentes tipos de imigração, e também por suas chegadas em diferentes momentos da cidade de São José dos Campos, sendo: o início do período industrial na cidade pós-fase sanatorial, a fase de crescimento e desenvolvimento da cidade, e durante o período de incremento no setor terciário, com a consolidação de São José como um centro regional de compras e serviços.

Por fim, após a escrita do produto, o livro-reportagem foi consolidado e teve seu ISBN para versão física: 978-65-89735-85-4, e para versão e-book:978-65-994730-5-0 emitidos.

#### 4. APRESENTAÇÃO DA PEÇA JORNALÍSTICA

Este trabalho iniciou-se no 6º período do curso de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela disciplina de Metodologia Científica em Ciências Sociais. No semestre em questão, foi elaborado um pré-projeto para a execução deste trabalho de graduação por meio de pesquisas exploratórias e bibliográficas. Após mudanças referentes ao tema, o projeto com base na imigração em São José dos Campos foi iniciado no 7º período do curso de Jornalismo, na disciplina de TG em Jornalismo I.

Inicialmente, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica para realizar a investigação sobre a presença de imigrantes em São José dos Campos. Este tipo de pesquisa é desenvolvida seguindo um material já elaborado, constituído principalmente por livros, teses e artigos científicos. Para Gil (2008) ela é indispensável para estudos históricos e permite ao investigador, uma análise de inúmeras referências que o levará a um estudo mais amplo (GIL, 2008, p. 50).

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2008, p. 50).

Foi utilizada a pesquisa exploratória para o desenvolvimento do referencial teórico, com o propósito de fundamentar este trabalho. Segundo Gil (2008), a pesquisa exploratória tem o objetivo de ampliar conceitos e desenvolver ideias, dessa forma o processo para este tipo de pesquisa envolve o levantamento bibliográfico e documental. No geral, consiste em uma análise mais abrangente sobre a temática (GIL, 2008, p.27).

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2008, p.27).

Para o pré-projeto, foi realizada a pesquisa bibliográfica com a leitura do Atlas Temático do Observatório das Migrações em São Paulo, realizado pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO) Elza Berquó, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O Atlas apresentou a posição de São José dos Campos em relação às demais cidades do Estado de São Paulo,

quanto ao número de imigrantes registrados na cidade, suas nacionalidades, faixas etárias e demais características que identificam os motivos de seus fluxos migratórios.

Também foi feita a pesquisa bibliográfica que conceitua a cidade de São José dos Campos e suas respectivas fases, e para isto buscou-se a página inicial da cidade e foi feita a leitura do livro “Cidade e Identidade: São José dos Campos, dos Peitos e dos Ares”, da autora Valéria Zanetti, para analisar uma perspectiva da cidade em suas diferentes fases e poder inseri-las nos contextos das personagens do livro.

Para este trabalho de graduação, a modalidade escolhida foi a de livro-reportagem. Como forma de classificação e para uso como modelo de escrita, foram utilizados como referências as obras “Páginas Ampliadas” de Edvaldo Pereira Lima (1998 e 2009), que busca propor a produção desta modalidade. Segundo Lima, o livro-reportagem atua como uma forma de extrapolar os limites da imprensa convencional e auxilia o leitor a buscar uma compreensão mais ampla sobre um assunto.

Um veículo de comunicação não periódica. [...]. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade (LIMA, 1998, p. 7).

Para Lima (2009), o livro-reportagem apresenta ainda um papel social realizado pelo jornalista, já que o profissional de jornalismo tem uma maior capacidade de enfoque no tema a ser trabalhado. Sendo assim, o autor ainda afirma que o jornalismo, sendo um segmento da comunicação de massa, tem por finalidade informar, explicar e orientar.

O alimento dessa função é a ocorrência social, sobre a qual se debruça o jornalismo para, a partir daí, manter a sua audiência a par dos acontecimentos, possibilitando-lhe orientar-se diante da avalanche de ocorrências relevantes na sociedade moderna (LIMA, 2009, p.11-12).

Ainda a fim de compreender alguns conceitos presentes na produção e escrita do produto do trabalho de graduação, até a entrega deste pré-projeto foram realizadas pesquisas bibliográficas em artigos acadêmicos, documentos e leis nacionais que especificassem os conceitos de “imigração” e “imigrante” para definir a relação comum que todas as personagens do livro-reportagem possuem, e assim poder verificar que tipos de imigrantes estão na cidade de São José dos Campos, traçando uma linha entre suas histórias e relatos no município, com algumas das diferentes fases pelas quais o município passou.

Para isso, a história de São José dos Campos também foi pesquisada por acervo municipal do Pró-Memória da Cidade e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que delimitaram as diferentes fases da cidade e acontecimentos tanto nas alterações nos espaços geográficos e no crescimento econômico, quanto na demografia.

#### **4.1 Concepção (pré-produção)**

O presente trabalho de graduação trata-se de um livro-reportagem que busca relatar histórias, percepções e opiniões de imigrantes que vivem e realizam atividades na cidade de São José dos Campos e pela região do Vale do Paraíba, realizando uma relação entre suas histórias e algumas fases do maior município da região metropolitana do Vale.

Após encontrar a pesquisa que embasaria e auxiliaria na justificativa da produção do livro, buscou-se fazer uma pesquisa exploratória para identificar melhor a consciência do joseense sobre a presença dos imigrantes na cidade e identificar o público-alvo do livro-reportagem.

Devido ao município de São José dos Campos possuir estimados 737.310 habitantes segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2021, para obter uma resposta mais próxima dos diferentes municípios representados, eram necessárias cerca de 575 respostas segundo o cálculo amostral. No total, obteve-se 637 respostas no formulário de pesquisa, e dessa forma foi possível identificar quantos participantes eram de São José dos Campos, e de demais cidades do Vale do Paraíba, suas faixas etárias, quantos confirmaram que tinham conhecimento da presença de imigrante, de quais nacionalidades são, quais atividades exercem na cidade, e suas percepções sobre as trocas culturais na cidade.

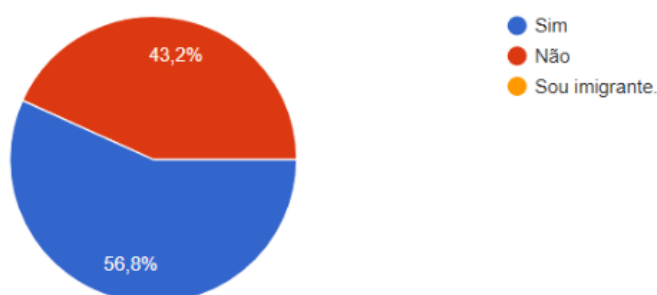
Ao questionarmos aos participantes se conheciam ou conviviam com algum imigrante que vivia na cidade ou mantinha atividades no município, tivemos um retorno de que 56,8% dos participantes tinham esse conhecimento ou contato com imigrantes.

## Gráfico 1 - Você conhece e/ou convive com algum imigrante que vive ou realiza outras atividades em São José dos Campos

### A imigração em São José dos Campos

Você conhece e ou convive com algum(ns) imigrante(s) que vive(m) e/ou realiza(m) outras atividades em São José dos Campos?

 Copiar



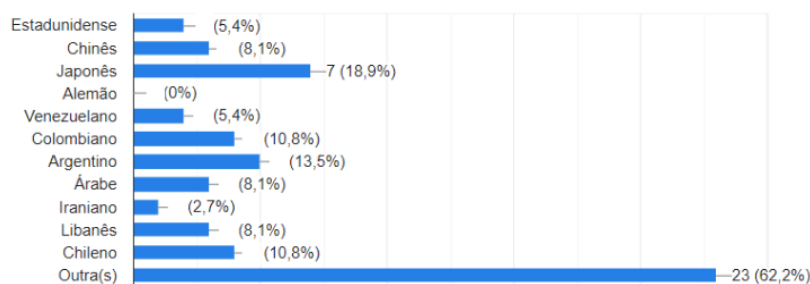
Fonte: Autora.

Em seguida, caso a resposta fosse afirmativa, questionou-se quais eram as nacionalidades e a motivação para a vinda desses imigrantes.

## Gráfico 2 - Quais suas nacionalidades?

Se sim, qual(is) sua(s) nacionalidade?

 Copiar

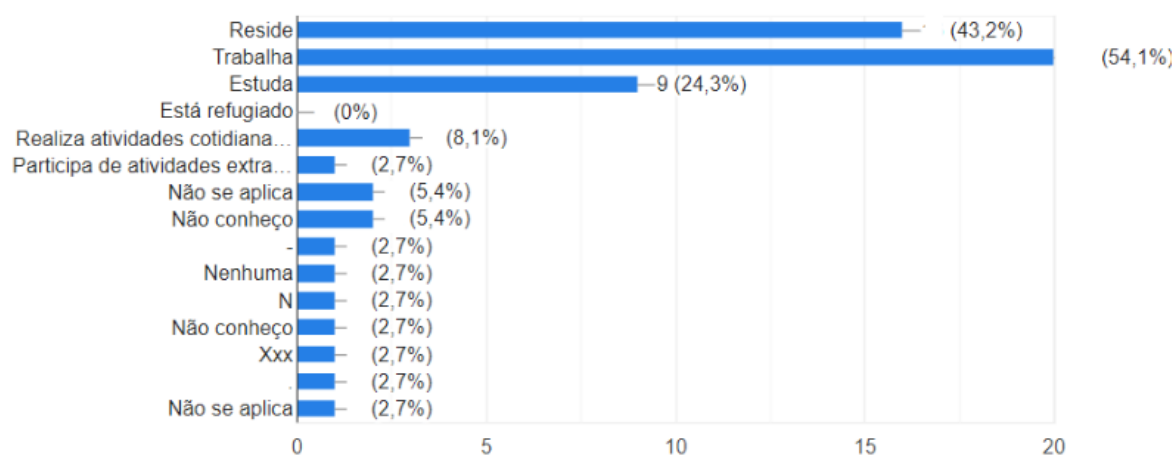


Fonte: Autora.

Observou-se que as três principais nacionalidades eram a japonesa (18,9%), seguida da argentina (13,5%) e dentro de “Outra(s)”, em terceiro encontrou-se a nacionalidade italiana, representando cerca de 12% do total de entrevistados.

### Gráfico 3 - Quais atividades este imigrante realiza na cidade?

Novamente, se sim, qual atividade este(s) imigrante(s) realiza na cidade?



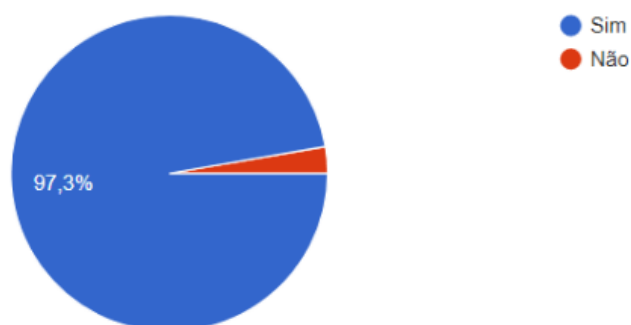
Fonte: Autora.

Observou-se que a maioria dos imigrantes residentes em São José trabalha (54,1%) e/ou reside (43,2%) na cidade. Uma porcentagem expressiva (24,3%) também estuda, enquanto cerca de 8% faz atividades cotidianas, como compras, atividades de lazer, extracurriculares, etc.

Por fim, também foi realizado o questionamento de se havia o interesse dos entrevistados de ler um livro-reportagem a respeito do tema, o que também justificou a escolha do tema

**Gráfico 4 - Você se interessaria em ler um livro-reportagem que traga relatos de imigrantes que vivem e realizam atividades em São José e região?**

Você se interessaria em ler um livro-reportagem que traga relatos de imigrantes que vivem e realizam atividades em São José e região?



Fonte: Autora.

Seguido da pesquisa, foi feito o mapeamento dos personagens conforme os principais critérios apresentados quanto às fases da cidade, as diferentes nacionalidades citadas e os estudos que nortearam a pesquisa, buscando trazer o máximo de variedade possível, e inserindo os imigrantes nas diferentes fases da cidade, conforme sua data de chegada e permanência no município, principalmente considerando as fases industriais de São José dos Campos. Sendo assim, foram escolhidos três imigrantes, um chegado na segunda fase da indústria e vindo do continente asiático, fazendo parte da maior colônia imigrante no Brasil, a japonesa. A segunda, vinda no meio da terceira fase, como imigrante refugiada de guerra, do continente europeu. E o terceiro, por fim, representando a alta nas imigrações entre os países sul e latino-americanos no século XXI, vindo da Colômbia e representando um público jovem que busca oportunidades ligadas aos estudos e ao primeiro emprego. Demais possibilidades de entrevistados foram estudados e o contato com eles foi realizado pela autora, mas por adversidades relacionadas à agenda pessoais dos imigrantes contatados e dos prazos de entrega da autora deste trabalho, mantiveram-se em três os personagens apresentados na obra jornalística.

Após o mapeamento, os personagens entrevistados seguindo os critérios escolhidos da história da cidade e o histórico da imigração foram:

**FIGURA 1** - Senhor Yoichi Kurotaki na praça Mário Cesare Porto, zona sul



**Fonte: Autora**

O senhor Yoichi Kurotaki nasceu na cidade de Goshogawara, na província de Aomori, no Japão, veio para o Brasil para trabalhar aos 20 anos. Ele morou em Suzano junto de outros japoneses enquanto trabalhava com agricultura e lavoura, e veio para São José dos Campos quatro anos depois, para trabalhar na antiga tecelagem Kanebo, onde hoje se localiza o shopping Jardim Oriente, no bairro Jd. Oriente. Se casou na cidade, teve um filho, dois netos, se aposentou e hoje ainda atua como massoterapeuta. Ele falou sobre a relação com outros membros das colônias japonesas nas décadas de 60 e 70, da relação com a história da indústria na cidade, do crescimento de São José dos Campos e sobre a relação com as diferentes fases da cidade.

**FIGURA 2** - Dona Ludmila Saharovsky em sua residência em Jacareí



**FONTE:** Imagem cedida de arquivo pessoal

Ludmila Saharovsky, filha de pais russos, nascida em um campo de refugiados de guerra em Salzburg, na Áustria. Veio para o Brasil aos cinco anos, e viveu mais de 30 deles na cidade vizinha de São José, Jacareí. É escritora, poeta, cronista, jornalista e chegou a escrever para veículos conhecidos da cidade, como o jornal OVale. Ludmila representa o conceito da imigração por refúgio e traz destaques para a importância das políticas migratórias para refugiados, a importância de uma pátria e a relação entre as origens e o destino de imigrantes.

**FIGURA 3** - Família Guerra. Da esquerda para direita: Paola Guerra, Joaquim Guerra e Tomás Guerra



**FONTE:** imagem cedida de arquivo pessoal.

E por fim, a família Guerra, que é representada na obra pelo filho mais velho, Tomás Andreas Medina Guerra. O jovem faz parte do trio que veio da Colômbia para se reunir com o padrasto que trabalha em uma multinacional residente no país. Segundo a mãe de Tomás, Paola Medina, a cidade foi escolhida após ser indicada por conhecidos quando ainda moravam em São Paulo. Eles buscavam um ambiente mais calmo que a capital, confortável e com as instalações necessárias para se criar uma família que conta com pais, um jovem adulto e uma criança de sete anos. Tomás fala sobre a fase mais contemporânea de São José dos Campos, sobre a vinda de imigrantes da América Latina que teve um aumento nas últimas décadas, segundo o Atlas das Migrações Internacionais em São Paulo, sobre a vivência de um jovem imigrante em uma cidade grande e a busca por estudo e o primeiro trabalho em um país estrangeiro.

## 4.2 Execução (Produção)

Após o mapeamento e decisão das personagens do livro-reportagem, foi construída a pauta para guiar as entrevistas entre os imigrantes que possuem algum tipo de relação com São José dos Campos. A princípio, foram definidas essas questões básicas:

- 1) Nome completo
- 2) Idade (data de nascimento)
- 3) Local de nascimento (cidade, estado e país)
- 4) Ano em que veio para o Brasil e ano que veio para São José dos Campos
- 5) Motivo da mudança

E as complementares:

- Sentiu-se um estrangeiro, uma pessoa de fora, ao chegar? Que situações mais o fizeram se sentir um estrangeiro?
- Em relação às atividades atuais, ainda se sente um estrangeiro?
- Qual foi a primeira impressão sobre o país? E sobre a cidade (SJC)?
- O que você mais lembra do momento da partida? E da chegada?
- Como se sentiu?
- Você enxerga semelhanças entre seu país e o Brasil? Quais?
- E as diferenças?
- O que mais gosta? O que menos gosta?
- Iria pra outra cidade/região?
- Qual sua relação com o mercado de trabalho/estudos? Teve experiências nessas áreas? Como foi?
- E socialmente? Fez amigos, colegas, grupos de determinados segmentos?
- Como foi a recepção local (Brasil/SJC) ?
- Quais foram as maiores dificuldades ao chegar? (Linguagem, escrita, costumes, formas de se fazer x coisas)
- Passou por algum preconceito? Fale sobre, se puder.
- Do que sente mais saudade, além das pessoas e familiares, do seu país?
- Morar permanentemente na cidade é algo que faria?
- Na sua visão o que é ser imigrante?
- Considera importante a ida e vinda das diferentes nações por outros países?
- Como é viver fora de seu país tendo x idade?
- Quais são as expectativas ao morar fora?
- O que você sente que ganhou com a convivência no país? E na cidade?
- Há influências positivas da cultura brasileira/local? E negativas?
- Quando chegou aqui, se estabeleceu sozinho (mesmo se junto da família) ou procurou morar perto de outros conterrâneos que já haviam chegado aqui antes, para facilitar o processo de adaptação?

- Quando retornou ao seu local de origem, mesmo que seja apenas de férias, sentiu algo ao retornar? Sua adaptação foi fácil?
- Que hábitos você continua mantendo do seu local de origem e que hábitos daqui você incorporou, desde que chegou?
- Área livre para falar sobre você, sobre sua vida aqui num geral, sobre dicas para demais imigrantes, sobre a recomendação (ou não) de São José dos Campos para moradia, ou demais atividades.

As primeiras duas entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e março de 2022, enquanto a terceira foi realizada no segundo semestre. O material técnico utilizado durante os encontros foi um gravador de voz pelo celular para todos os encontros. Após as entrevistas, o material em áudio está em processo de decupagem para a construção de cada capítulo.

Foi proposto para os entrevistados para que a entrevista fosse feita em local arejado devido à pandemia. Uma das entrevistadas achou melhor realizar a entrevista em sua casa, marcada para o mês de agosto. As demais entrevistas foram feitas em espaços públicos perto da casa dos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas da seguinte maneira:

A primeira, realizada em fevereiro de 2022, com Tomás Andreas, representante da família Guerra, vindos da Colômbia. A entrevista foi realizada na Praça Rubens Castilho, localizada no bairro Jardim Estoril, zona sul da cidade. Permanecemos em um banco enquanto gravava as entrevistas com o celular e anotava pontos e tópicos de destaque em um caderno. Levamos cerca de uma hora e meia para coletar seu relato como imigrante. A autorização para uso de imagem e da entrevista foi coletada.

Já com o senhor Yoichi Kurotaki, a entrevista foi realizada em março de 2022, na praça Mário Cesare Porto, ao lado de sua residência, localizada na rua Cabo Frio, no Jardim Satélite, zona sul de São José. A autora e o entrevistado mantiveram-se sentados em um banco enquanto ele relatava suas experiências com a indústria e a Tecelagem Kanebo e como residente em São José dos Campos. Levou cerca de duas horas para que seu relato fosse coletado. A autorização para uso de imagem e da entrevista foi coletada.

Por fim, a última entrevista, realizada com a senhora Ludmila Saharovsky, aconteceu em agosto de 2022, na casa da entrevistada na região central de Jacareí, no endereço Rua Francisco Teodoro, 300. A autora permaneceu por quatro horas no local, realizou imagens e conversou com a entrevistada a respeito do trajeto feito por sua família, desde a chegada de seus pais no campo de

refugiados onde dona Ludmila nasceu, até a vinda para o Brasil, e finalmente para o Vale do Paraíba, passando pelas cidades de Jacareí e São José dos Campos, e contando sua relação com a cidade, inclusive em sua carreira profissional como escritora e artista. Assim como nas demais entrevistas, a autorização para uso de imagem e de concessão da entrevista foi coletada.

### **4.3 Finalização (Pós-produção)**

Após a realização de cada entrevista, os áudios foram transcritos manualmente, a fim de aproveitar cada variação linguística dos entrevistados e fazer comentários para a escrita do livro. A decupagem do material durou três semanas, com 5h30 de áudio transcritas de três entrevistas. Foram feitas leituras e correções no texto transcrito, a inserção de parágrafos e a escolha de imagens para ilustrar determinadas passagens. Após a transcrição, foram construídos cinco capítulos para o livro-reportagem, conforme já idealizado na pré-produção da obra.

O capítulo um, nomeado “Quem são os Caminhantes?”, foi escrito após a finalização das decupagens, sendo uma introdução ao conteúdo do livro, apresentando o embasamento do projeto, o tema, a pergunta e os objetivos que os relatos buscavam atingir. A introdução aponta as percepções pessoais da autora, a preferência pelo tema, e os estudos que justificam a escolha do objeto de discussão.

Os capítulos dois a quatro, foram nomeados com o nome de cada um dos entrevistados, respectivamente, “Yoichi Kurotaki”, imigrante japonês, “Ludmila Saharovsky”, imigrante de origem russa, e “Tomás Andreas Guerra”, imigrante colombiano. Cada um dos capítulos descreve histórias dos imigrantes, parte de sua origem, a vinda para o Brasil, a motivação, o tipo de imigração ocorrida, a chegada no Vale do Paraíba e seu tipo de relações com São José dos Campos e sua percepção sobre a cidade. Nesses capítulos, em meio às paráfrases, determinados trechos se mantiveram nas aspas brutas dos entrevistados, a fim de manter fidedigna a descrição dos imigrantes de cada passagem, e mantê-los como protagonistas de seus relatos. Na abertura desses três capítulos, compostos pelos relatos, há também uma poesia autoral para cada imigrante, escrita pela percepção da autora com a história de cada um dos personagens, e utilizando momentos da entrevista para falar sobre suas histórias pessoais por meio de um elemento literário.

O último capítulo apresenta novamente as perspectivas da autora a respeito dos relatos apresentados, além de alguns apontamentos que surgiram após a realização das entrevistas. Também

foram colocados dados extraídos após encontrar semelhanças e diferenças nos relatos dos imigrantes em cada um de seus respectivos capítulos.

Além dos capítulos, o livro também conta com um índice, uma seção de “Caro Leitor”, com os agradecimentos da autora, e o prefácio, escrito pela orientadora deste trabalho de graduação, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabete Kobayashi.

A elaboração da arte de capa, lombada, quarta-capa e as orelhas do livro, foi realizada pela artista Elisa Cristina Ferreira. A capa apresenta detalhes dos personagens, como os livros voando que representam o trabalho como escritora de dona Ludmila, e o gosto de Tomás pela leitura, além do novelo de linha representando a ligação de seu Kurotaki com uma lenda famosa de seu país (Akai Ito) e também seu trabalho na antiga tecelagem Kanebo. O espaço ao redor apresenta o pôr-do-sol no Banhado, região central de São José, e mostra o caminho da pista de travessia de pedestres e ciclistas no local, fazendo referência ao título do livro. A tipografia de capa também foi feita pela artista, baseando-se em exemplos gráficos que lembram ambientes urbanos.

A gráfica responsável pela diagramação, elaboração da versão eBook, emissão do código de barras e o (ISBN) da obra e confecção dos exemplares do livro físico, foi a PoloPrinter, também responsável pela editora PoloBooks, localizada na cidade de São Paulo no endereço: Rua. Américo Brasiliense, 2171 - Chácara Santo Antônio. O projeto do miolo foi enviado, e após as devidas correções ortográficas e de paginação, o manuscrito foi autorizado pela autora e seguiu para produção da versão física e finalização da versão digital.

## 5. ORÇAMENTO

<b>Descrição</b>	<b>Unidades</b>	<b>Valor Unitário</b>	<b>Valor Total</b>
Gastos com transporte urbano em São José dos Campos e transporte por aplicativo	04 viagens (ida e volta)	2 viagens de ônibus: R\$ 5,00  2 viagens intermunicipais por aplicativo de transporte: R\$26,00 (média)	R\$62,00
Livros comprados para bibliografia	2	1 - R\$32,00 2 - R\$ 23,50	R\$55,50
Criação de capa, lombada, quarta-capas e orelhas		R\$1200,00	R\$1.200,00
Diagramação	-	R\$1251,50	R\$1.251,50
ISBN, Ficha Catalográfica e Código de Barras e versão e-book	-	R\$1193,00	R\$1.193,00
Exemplares físicos	210	R\$23,30	R\$4.893,00
<b>Total</b>	-	-	<b>R\$8.655,00</b>

Livros:

Tempo Submerso - Stalin: Sobrevivemos ao Terror - R\$32,00

Cidade e Identidade - São José dos Campos, do Peito e dos Ares - R\$: 23,50



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, primeiramente, entender quem são os imigrantes que residem em São José dos Campos e como é, para eles, habitar a cidade e a região vale-paraibana. Além de residir no local, entender quais as atividades desses personagens, porque vieram para o Brasil e em que momento optaram por viver em São José dos Campos, e o que acham da cidade e da região como um todo. E assim, a partir disso, levar os leitores à reflexão sobre a presença imigrante no município.

O princípio da concepção desse projeto contou com uma pesquisa de campo, que justificou a escolha do modelo de peça jornalística e o tema do trabalho. Após isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, e o objeto de estudo foi a cidade de São José dos Campos e o Vale do Paraíba, assim como o histórico de imigração na região, e os relatos dos personagens entrevistados. A proposta foi reunir os dados encontrados e gerar um registro que apresentasse o relato dos imigrantes, junto de uma linha cronológica com algumas fases da cidade.

Para isso, foi elaborado um livro-reportagem, produto deste trabalho, que conta com o relato de três imigrantes de diferentes nacionalidades em sua composição, mapeados de forma a apresentar diferentes momentos da cidade, nacionalidades diferentes e seguindo a busca de estrangeiros que imigraram por diferentes motivações (trabalho, refúgio e qualidade de vida). Os capítulos foram divididos de forma a trazer primeiramente as pesquisas que embasaram o projeto, e as percepções pessoais da autora que a levaram a escolha do tema. Os três capítulos do meio, contam com os relatos, momentos das entrevistas e os dados pertinentes que apresentam a relação da presença desses imigrantes na cidade e os acontecimentos na região. Por fim, o último capítulo indicou que novos questionamentos podem ser levantados com a elaboração do produto, mas que foi possível entender a visão de cada imigrante entrevistado.

Todos os entrevistados do livro-reportagem apresentaram relatos que contam com diferenças a respeito de suas realidades na cidade, mas também semelhanças sobre sua sensação de habitar São José dos Campos, e sua opinião sobre a cidade, positiva em todos os casos apresentados. A cidade foi retratada nas três entrevistas como um bom lugar para moradia, e recebeu uma resposta afirmativa sobre São José dos Campos ser um local que os imigrantes indicariam para outros estrangeiros em processo de imigração. Ademais, pôde-se observar também os diferentes momentos da cidade e seus reflexos nas vidas de cada imigrante, além do papel do imigrante dentro desses diferentes cenários.

Além dos pontos com retornos positivos apresentados, foram citados momentos considerados difíceis pelos imigrantes, como os de adaptação e de transição para os ambientes de trabalho, estudo, e convivência em um país estrangeiro, e também a respeito do preconceito, a xenofobia já apresentada neste relatório, que partindo de uma hipótese, se comprovou nos relatos de todos os imigrantes entrevistados para este produto. Dessa forma, um dos objetivos da autora foi alcançado, e trouxe como principal reflexão, a importância do papel que a conscientização social a respeito da convivência com imigrantes possui, a fim de evitar que novos episódios de preconceito e julgamento de estrangeiros ocorram.

Após a finalização da peça jornalística, ainda foi possível compreender as diferentes visões que cada imigrante possui acerca da cidade, e pôde-se entender que a principal questão que norteou este trabalho: “quem são os imigrantes que vivem em São José dos Campos, e qual sua visão sobre a cidade”, possui como resposta o relato pessoal que cada imigrante habitante de São José, não somente os aqui apresentados, pode apresentar. Portanto, entende-se que cada vivência particular, possui um retorno a respeito da cidade e sua participação na história desses estrangeiros. Mas, ainda assim, foi possível compreender de maneira geral que dentro dos três relatos trabalhados nesta obra, houve, sim, um reflexo de mão-dupla da imigração em nossa região, resultando em percepções históricas dos imigrantes em nossa região, assim como de nossa região na vida dos imigrantes retratados.

Com esses apontamentos, o livro-reportagem “Os Caminhantes - Relatos de Migração Internacional em São José dos Campos”, convida o leitor para conhecer mais sobre a história da cidade, e para seguir refletindo a respeito das diferentes culturas que estão presentes em nosso país, desde sua formação até a continuidade de seu crescimento, não somente nos costumes herdados dos primeiros imigrantes no país, mas também através das atuais pessoas habitantes de nossas cidades e regiões de origem estrangeira, que construíram suas histórias na cidade.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAENINGER, Rosana et al. (Ed.). Atlas temático: Observatório das Migrações em São Paulo. Migrações internacionais. Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO) - UNICAMP, 2017.
- BAENINGER, Rosana et al. **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo e Observatório das Metrôpoles**. Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO) - UNICAMP, 2020.
- BAENINGER, Rosana et al. **Atlas do Observatório das Migrações em São Paulo-Migração Refugiada**. 2018.
- BAENINGER, R.; BELMONTE DEMÉTRIO, N.; MAGALHÃES FERNANDES, D.; DOMENICONI, J. **Cenário das migrações internacionais no Brasil: Antes e depois do início da pandemia de covid-19**. Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano, v. 4, 14 maio 2021.
- BRASIL. Decreto nº 4.246, de 22 de maio de 2002. **Promulga a Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas**. Diário Oficial, Brasília, DF, 22 mai. 2002.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. **Institui a Lei de Migração**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 24 mai. 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm). Acesso em: 23 abr. 2022.
- BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. **Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 22 jul. 1997. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm). Acesso em: 23 abr. 2022.
- BRZOZOWSKI, Jan. **Migração internacional e desenvolvimento econômico. estudos avançados**, v. 26, p. 137-156, 2012.
- CARNEIRO, M.. Revista USP 119 – Textos 8: **Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/revistausp/revista-usp-119-textos-8-imigrantes-indesejaveis-a-ideologia-do-etiquetamento-durante-a-era-vargas/>. Acesso em: 28 set. de 2022.
- COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de Jornalismo**. Campinas: Alínea, 2017.
- DESA. **Trends in International Migration Stock: the 2008 Revision**. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas. New York: United Nations, July 2009.
- GALLAS, D. A contribuição do jornalismo para o saber social. Caminhos para uma prática responsável e para o fomento da cidadania. Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación, v. 0, n. 127, p. 48–56, 2014. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2293/2323> Acesso em: 7 set. 2022.
- GARZA, C. D. L. **Xenofobia**. Laboreal, v. 7, n. 2, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/7924> Acesso em: 21 set. de 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIROTO, G; PAULA, E. M. A. T. **IMIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL: uma análise sobre escolarização, currículo e inclusão**. Rev. Espaço do Currículo (online), João Pessoa, v.13, n.1, p. 164-175, jan/abr. 2020.

GUITARRARA, Paloma. **"Imigração"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/imigracao.htm>. Acesso em: 05 abr. de 2022.

LAGE, N. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**. Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 20–25, 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>. Acesso em: 7 set. 2022.

LIMA, Angela Maria Batista et al. **Migração Internacional na região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte nas últimas duas décadas** <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2018/anais/arquivos/RE\\_0230\\_1073\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_0230_1073_01.pdf)> Acesso em: 13 dez. de 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. Editora brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Editora da Unicamp, 1993.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 mai. de 2022.

MARTINS, J. **O que são livros-reportagens?** Disponível em: <<https://www.idp.edu.br/blog/ecom/o-que-sao-livros-reportagens/>>. Acesso em: 3 out. 2022.

### **Migração no Brasil. UFRJ**

<<https://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/Migra%C3%A7%C3%A3o-no-Brasil.pdf>> Acesso em: 08/03/2022.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA, **Portal de Imigração - Relatório Anual OBMigra - 2020** Disponível em: <[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra\\_RELAT%C3%93RIO\\_ANUAL\\_2020.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf)>. Acesso em: 24 de abril de 2022.

PRÓ-MEMÓRIA São José dos Campos - Câmara Municipal de São José dos Campos. **São José dos Campos e sua história**. Disponível em: <<https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/historia-sjc/>>. Acesso em: 24 abr. de 2022.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. RuMoRes, v. 7, n. 14, p. 138-157, 2013.

SALDANHA, Maria Teresa; KLAUTAU, Perla. **Habitar, construir e confiar: articulações entre Heidegger e Winnicott**. Cad. psicanal., Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 143-159, dez. 2016.

Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952016000200009&lng=pt&nr=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000200009&lng=pt&nr=iso)>. Acesso em: 07 set. 2022.

**SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)- Cidades e Estados - IBGE** - Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/sao-jose-dos-campos.html>> Acesso em: 24 abr. de 2022.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 26, n. 77, p. 47-62, 2011.

SILVA, N. F. **FASE SANATORIAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS: UM ESTUDO SOBRE AS PENSÕES E SANATÓRIOS**. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2020.

**Sobre o Parque Vicentina Aranha**. Disponível em:

<<https://www.pqvicentinaaranha.org.br/o-parque>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

## ANEXO - ENTREVISTAS COM OS IMIGRANTES

### PRIMEIRA ENTREVISTA:

**Tomás Andreas Medina Guerra**

**21 anos - 11 de maio de 2001**

**Bogotá, Colômbia**

**- Sua primeira vez no Brasil:**

A primeira vez que vim para o Brasil, vim como turista, acho que no ano de 2016, 2017, eu fiquei 3 meses em SP. Meu padrasto já morava lá. A segunda vez que vim, foi para morar em 2018, depois de me formar no ensino médio. Pra ser exato, foi em janeiro de 2019.

**- Qual foi o motivo da mudança?**

Minha mãe já morava aqui por conta do meu padrasto.

**- Quando você veio, a gente tem uma denominação, sobre você ser/estar, mas se sentir também. Você é estrangeiro, claro, mas depois de um certo tempo morando, algumas pessoas não se sentem mais. Quando você veio, você sentiu o peso de ser estrangeiro? Que tipo de situação fez você se sentir de fora?**

Ah, eu tô acostumado, porque já viajei para outros países. E o sentimento é que eu sei que faço parte, mas que eu sou diferente. Então, mesmo sendo diferente eu gosto de aprender e me adaptar, que acho que é uma característica importante quando você viaja para outro país. Se adaptar.

Eu me sinto normal, não me sinto estrangeiro. Eu **sou** estrangeiro, é algo que já faz parte.

**- Qual foi a primeira impressão sobre o país?**

Sobre o país, que é muito diverso. Como eu cheguei em São Paulo, e São Paulo é uma cidade que tem muita população de todas as partes do Brasil. Então, eu conheci pessoas de várias partes do Brasil, e eu não tinha uma expectativa ou algo do Brasil, talvez a parte do futebol (risos), achava que ia ter mais pessoas jogando bola na rua, mas acho que isso é mais do Rio. A parte cultural, tipo de sentimento, de conviver com as pessoas, é bem semelhante com a Colômbia, porque somos latinos, então tem esse sangue correndo nas nossas veias. A parte indígena também.

**- Que que você mais lembra de quando você chegou aqui? E em qual cidade chegou primeiro?**

Eu vim direto pra São Paulo, a gente morava na Avenida Paulista. Era um lugar bem conhecido, bem turístico. Eu gostava de caminhar por ali, pela paulista, ir no Ibirapuera, pelo Morumbi. E eram as partes legais. E já na segunda vez que eu vim, que eu comecei a conhecer mais dos interiores e o fundo da cidade: os becos, as favelas, conheci um amigo que mora na favela, e matei vários conceitos que eu

tinha. Conheci a desigualdade que aqui tem em um cenário forte, nos contrastes, sabe? A Colômbia também tem desigualdades, mas os contrastes não são tão notáveis.

- **E em São José?**

A gente veio aqui pra São José por recomendação de um amigo do meu padrasto, ele falou que era uma das melhores cidades do estado de São Paulo, que era uma cidade em crescimento, tecnológica, e mais barata que São Paulo. Então a gente quis vir pra conhecer, pra ver se achávamos algum lugar interessante, procuramos por um apartamento, e a minha mãe decidiu que íamos morar aqui. Cuidamos do colégio do Joaquim, foi a primeira coisa, depois nós viemos definitivamente.

- **Que que você mais se recorda da vinda da Colômbia? Sobre o momento da partida? O que é mais marcante?**

Pra mim, como eu não tinha na minha cabeça morar aqui, eu só estava de passagem, então eu tava aproveitando, conhecendo, saindo estudando, porque meu plano era estudar fora em outro país. Mas aí acabamos ficando, e as situações também mudam, vem problemas, chegou a pandemia, né. Então a gente teve que ficar aqui, alterar os planos mas daí eu aproveitei para seguir estudando, fiz vários cursos, um de programação por 3 meses, e quando vim pra São José definitivamente, eu reforcei meu estudo de alemão, saiu uma oportunidade de trabalho, e aí comecei a trabalhar numa empresa da cidade. Isso é uma coisa legal da cidade, que tem muito empreendimento. Fiquei 6 meses com ele, e depois fui demitido. Precisava continuar ajudando em casa, estava em busca de um emprego e daí consegui algo ligado ao marketing, onde estou trabalhando.

- **Quais semelhanças você mais enxerga entre Colômbia e o Brasil?**

Vamos começar pelo mais gostoso: a comida. A gente, por exemplo, tem um prato típico, semelhante à feijoada, chama *bandeja paisa*, é um prato que também tem feijão, arroz e carne, mas nosso feijão é vermelho. Tem o *chicharrón*, que é o torresmo de vocês. Não tem a couve da feijoada, mas tem salada acompanhando. E a gente adiciona o *plátano maduro*, que é a banana da terra frita. Eu sei que acho que na Bahia é mais comum, né?

Da comida, e das pessoas, que são simpáticas também. Em comparação à Europa que eu já conheço, as pessoas não são frias, são mais cálidas, mais alegres. Mas, o brasileiro é mais extrovertido. Vocês são mais abertos que os colombianos e outros latinos. E isso é legal, me fez conhecer bastante pessoas.

Na parte geográfica é muito diferente! A Colômbia tem muitas montanhas, e aqui é muito plano. O clima, eu tô acostumado com o frio, porque a maioria das pessoas acha que a Colômbia é quente, mas Bogotá é uma cidade fria, pela altura.

- **E as diferenças?**

O Brasil é mais organizado quanto à infraestrutura em comparação à Colômbia. Brasília é uma capital muito legal, por exemplo, muito bonitinha. Comparando as cidades, Bogotá se assemelha à São Paulo. São José dos Campos é mais tranquila. Nas capitais tem muito para se fazer, muita vida noturna, muitos pontos turísticos, só que, São José já se assemelha a Bogotá quanto à natureza. Bogotá tem muita, e São José dos Campos também, e é muito legal, e acho muito importante também, para o ser humano. Por exemplo, Bogotá tem muitos parques, São Paulo parece bem a tal “selva de concreto”

- **O que você mais gosta no Brasil?**

Acho que há muito potencial para crescer. E de São José dos Campos, a tranquilidade, para a família.

- **O que menos gosta?**

Politicamente, não que eu estude muito a política, mas dá para sentir, perceber que é complicado, né. A Colômbia também. Na parte cultural, não tem queixa, mas sinto que tem muitas panelas, grupinhos de pessoas, que se fecham. É difícil entrar, às vezes já me senti excluído. Ruim, talvez que tudo fique muito longe, mas porque o país é muito grande (risos). Mas as passagens aéreas são caras, então o acesso se torna difícil. Conheço muitos brasileiros que eu conheço mais do país que eles.

- **Se você ficasse pelo Brasil, iria pra outra cidade, outra região?**

Sim, mas por temporadas. Porque eu gosto de me movimentar, não sou de ficar muito tempo parado. Se fizesse um top 3, eu diria que gostei bastante do sul, de Florianópolis, Curitiba. Adoro São Paulo, é o top 2. Mas São José dos Campos, está no top com certeza.

- **Você mora numa cidade referência no Vale do Paraíba, mas fica próxima de vários outros municípios. Você conheceu outros lugares por aqui?**

Eu conheço Taubaté, Caçapava, Pinda -man.. Pindamo.. ah. Pindamonhangaba. É do vale? É. Jacareí, Aparecida, Monteiro Lobato (ali tem muito caubói, achei curiosa. A cultura bem caipira, é muito legal. Não se perde né). Campos do Jordão, gosto bastante de lá. Santo Antônio do Pinhal. Cachoeira Paulista. No Litoral norte eu já fui pra Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba. Fui a Ilhabela.

- **Você comeu bolinho caipira?**

Sim, sim. Na Colômbia tem a empanada, semelhante na massa.

- **Comeu o de carne ou com linguiça dentro?**

Os dois! Até de queijo (risos)

- **Você já comentou como foi sua participação no mercado de trabalho e estudo. Conta mais da sua relação com o trabalho aqui, se foram experiências boas, o que achou ruim, o que te ajudou.**

Eu não trabalhava na Colômbia, minha vida laboral começou aqui. Maaas, os salários são uma parte complicada em relação ao estilo de vida. Se a gente pensar no mínimo, o básico pra viver, agora é até menor que na Colômbia. Com o salário mínimo agora você mal vive, você sobrevive se muito. É complicado. De resto, eu trabalhei mais na área de marketing, TI e vendas. Com mercado digital. Comecei numa empresa que faz construção de sites, de plugins. O mercado digital cresceu muito aqui no Brasil, e aprendi muito. Inclusive, o Brasil cresceu muito e já é referência nesse mercado. Falar o português me ajudou muito nessa área.

- **Já teve algum problema dentro de algum trabalho por ser estrangeiro? Alguém já fez algum comentário desagradável?**

Não, inclusive acharam legal o fato de eu ser estrangeiro. Por eu ter outra perspectiva, e eu posso abordar e questionar coisas que talvez eles não vejam. E por falar línguas diferentes, também foi um

ponto importante para arrumar um trabalho. A parte de ortografia só foi difícil nesse caso, porque às vezes eu fazia algum trabalho e estava com um errinho ou meio sem sentido.

- **Já veio falando português?**

Eu aprendi português aqui, mas foi só de ouvido na rua. Aprendi porque fiz cursinho numa escola em São Paulo, e eu tinha que aprender ou aprender (risos), então tinha que entender tudo, ler, e foi assim que aprendi. Mas como as duas línguas são do latim, são até semelhantes.

- **Como foi a recepção local, falando de convivência, pessoas do dia a dia, aleatórias, colegas nos cursos, no trabalho, vizinhos, como vocês se sentiram? Era uma dificuldade?**

-  
Em São Paulo fomos aceitos que nem família. O prédio em que morávamos o primeiro dia já tinha churrasco, piscina. Todo domingo faziam reunião. Era um ambiente muito legal, fomos bem aceitos. E quando a gente veio morar em São José dos Campos, foi uma despedida, a gente sentiu saudades, e sentimos a diferença. As pessoas são mais reservadas, ao menos no primeiro prédio em que fomos morar, não conhecia quase ninguém. O paulista é mais fechado em relação a outros locais, percebi haha. No interior mais ainda. Depois a gente se mudou, pra onde estamos agora, mudou, mas por também ser uma região mais popular, a zona sul. Onde mudamos primeiro, no Esplanada, eu senti que havia mais ‘mimimi’, por parte dos vizinhos e moradores. Eu gosto mais daqui, porque tem mais movimento, mais pessoas, e você pode conviver mais com as pessoas, não tem a tal da ‘panela’.

- **Quais foram as maiores dificuldades quando vocês chegaram aqui? Tinha atividades mais difíceis?**

A linguagem foi a parte mais complicada. Você aprende por ambiente, então, a primeira que aprendi foi a comprar coisas. O nome das frutas, como pedir itens no mercado. Depois, tive que conhecer pessoas, fazer amigos, aprender gírias, foi algo bem legal. As gírias do Brasil são muitas, e criadas do nada, cada região tem a sua, é bem legal. Fora isso, a parte de relacionamento, porque nesse troca de linguagens eu às vezes não sei bem me expressar com amigos e amigas, trocava palavras. Mas pra me adaptar em São José acho que foi mais difícil. Porque eu conheço pouca gente, então os amigos são poucos também. Tem a Bárbara, tem o Gabriel, e só. Um pouco chato nessa questão, mas também por meu entorno ser mais fechado, e não convivo muito com tantas pessoas. Meu trabalho é virtual e não estou na faculdade ou num curso, então vejo pouca gente. É algo.

- **Vocês já passaram por algum preconceito, ou teve alguma situação desconfortável?**

Ah, o espanhol acho engraçado quando fazem piadas, mas não é preconceito. O ”Pero que si, pero que no”, (risos), é engraçado. Mas sobre ser da Colômbia, é uma cruz que a gente carrega. Então, o famoso Pablo Escobar, sempre é citado né. Em todos os lugares aconteceu, e tem vezes que é um pouquinho ruim. Mesmo indiretamente, e é, o preconceito com a Colômbia é relacionado sempre à cocaína, às drogas. Mas na real, sempre fui bem aceito, e pelo fato de ser colombiano, as pessoas acham legal. Me chamam de Colômbia!

- **Qual sua maior saudade, do que mais sente falta ao pensar na Colômbia?**

Sinto falta da família, dos amigos, claro. Ah, e da comida. Dos preços! E algo da natureza de lá, aqui também tem muito, mas como eu não conheço muito, pra mim não é tão fácil ir pra uma trilha, fazer esses planos, como era em Bogotá, um pouco mais acessível.

- **Morar permanentemente, então, em São José, não é algo que faria?**

Não, mas eu compraria uma casa aqui, sim. Eu voltaria pra lá, diversas vezes.

- **Na sua visão, o que é ser imigrante?**

É você ter uma cultura diferente, hábitos diferentes, outras formas de se relacionar, de se alimentar, questões do dia a dia. Formas de conviver. Ser imigrante é também aprender a aprender, novamente. Começar do “zero”. Pode levar a conhecer uma nova língua, novos costumes, a provar comidas, identificar as diferenças e respeitar, aprender a conviver com coisas que não está acostumado.

- **Considerando a palavra migração, que é sobre viajar, caminhar, sair, não permanecer, você acha que é um tipo de imigrante permanente?**

É, eu sou um nômade (risos).

- **Você considera importante essa ida e vinda de pessoas de fora em outros países, essas imigrações? Acha que pode ter algo polêmico?**

Sim, sim. Eu acho que é muito importante, faz com que a gente tenha mais empatia. Faz com que sejamos mais diversos, e aprendamos a nos colocar na pele do outro. Também vejo como algo legal para o país, pra economia inclusive. Polêmico, creio que sim, porque você sempre terá algo com o qual não concorda, mas essa também é a graça de ser imigrante, é arranjar uma nova perspectiva, lidar com coisas que vai aceitar, ou que vai questionar. Ter também outras visões e aprendizados.

- **Você acha que ser imigrante, então, também pode nos tornar mais aptos a sermos tolerantes, a lidar com as diferenças? Porque, de certa forma, isso te faria esperar também por essa tolerância, essa compreensão?**

Acho que não devemos esperar a tolerância sempre, mas precisamos transmitir ela. Se alguém for intolerante, em alguns casos, a gente acaba tendo que engolir, e é preciso demonstrar o diferente. Por exemplo, houve uma história em que eu agi mal, mas eu aprendi com isso. Eu tava num churrasco, e alguém falou da Colômbia, falou da cocaína, eu fiquei bravo, fiquei intolerante, e xinguei a pessoa de volta. Não deu em nada, mas depois disso eu aprendi que quando alguém falava desse tema, eu podia meio que seguir a corrente da pessoa, mas depois mostrar pra ele que não, a Colômbia não é isso. Eu tornava isso uma brincadeira, é uma forma de não fugir, mas esquivar desses ataques sem sentido.

- **Você veio pra cá com 17 anos. Como é pra um jovem, um rapaz entrando na fase adulta, se mudar, estar fora?**

A sensação é legal. Você vai sentir saudades, mas você aprende muito. Você cresce. Eu amadureci bastante, cresci intelectual e pessoalmente. Então, pra mim foi bom, ainda que os últimos anos tenham sido um pouco difíceis, pela questão da pandemia também... Mas eu senti bastante saudade de casa. Depois da mudança, só minha mãe chegou a voltar pra Colômbia. Eu só fui depois que a pandemia já tinha começado, agora no fim de 2021. Fiquei praticamente 3 anos sem voltar para lá.

- **Tinha algo que você já queria fazer com a mudança?**

Aqui no Brasil, eu queria conhecer bastante a cultura. As meninas, não vou mentir, haha. A alimentação também, eu gosto muito de gastronomia, queria aprender novas comida, receitas, absorver isso. Eu já tinha planejado. Agora, eu penso em investir no país.

- **Agora você vai voltar pra Colômbia. É parte do seu plano voltar aqui?**

Sim, eu devo voltar períodos e quero rever o Brasil e São José dos Campos, com certeza.

- **O que você mais ganhou com a convivência com as pessoas, com a cultura, com o cotidiano aqui?**

Eu ganhei conexões, acho. Do meu ponto de vista, tanto em negócios, quanto em relacionamentos. Na cidade também, eu aprendi coisas sobre ela, o que poderia servir aqui, o que se encaixa em São José dos Campos.

- **Teve alguma influência positiva viver aqui? Você disse que amadureceu, em que ponto?**

Ah, aprendi a me virar sozinho. Eu também aprendi a perdoar, a me preocupar mais comigo mesmo, meu bem-estar, minha saúde. Aprendi a conviver e aprendi mais sobre mim mesmo, vi coisas em que tenho que melhorar. Nisso, amadureci muito. Negativamente, não teve nada, nada que fosse por conta do Brasil ou da cidade. Mais por conta das minhas próprias escolhas, da família e da pandemia.

- **Quando voltou para a Colômbia, foi preciso alguma espécie de re-adaptação para o seu local de origem?**

Eu senti nostalgia, foi algo que eu nunca tinha sentido. O primeiro dia que eu cheguei, foi forte. Eu senti mesmo que estava diferente, que eu tinha mudado, e as coisas também estavam diferentes. Porque todo lugar muda. Como aquelas frases de livro de filosofia, que o rio que você passa não é mais o mesmo rio depois. Mas pra me adaptar não, era minha casa, minhas raízes. E as raízes, querendo ou não, a gente não troca.

- **Ganhou algum hábito? Pode manter algum?**

Por influência do Brasil, talvez eu ser mais extrovertido. Mas eu aprendi a falar melhor e mais. Eu me mantive transparente, alguém mais legal, mas muitas vezes isso foi complicado. Nem sempre dá pra ser tão legal com todos, amoroso com todos.

- **Você diria que você se machucou no Brasil, nesse espaço de crescimento?**

Não, acho que vivi as consequências de crescer. Aqui, ou na Colômbia, vivi como acho que aconteceria.

- **E a pandemia?**

Eu me mantive positivo, ao menos em 2020. Sabia que as coisas podiam melhorar. Mas já no segundo ano, as coisas foram piorando, economicamente, socialmente e mentalmente. As coisas foram complicadas, tive ansiedade.

- **Se você soubesse que alguém vai mudar pro brasil, o que você diria.**

Vai! (risos) Conheça. Dicas? Eu diria, talvez, ter cuidado. Com golpes. Não posso falar do golpe, mas eu sofri. Saber se relacionar com as pessoas, mesmo que a maioria das pessoas sejam boas aqui, é preciso reconhecer. Na parte econômica, saiba utilizar o dinheiro, pois são muitos custos.

- **E falando de São José? Recomendaria?**

Eu recomendaria a cidade, bastante. Talvez principalmente pra alguém já mais velho que eu, que busque tranquilidade, um trabalho estável. Talvez mais pra família. Amigos.

- **Qual seu lugar favorito de São José? Pra fechar.**

Tenho vários. Pra comer, pra sair, gosto muito da Vila Ema, e lembra a vida madalena. pra sair, e fazer esporte, gosto muito do Urbanova, que é bem referência para andar de bike e etc. pra sair um pouco, ficar tranquilo... eu gosto daqui. Desse parque. Como chama mesmo?

- **Estoril**

Gosto aqui do Estoril. Pra sair, ainda que a vida noturna seja menor que na capital, gosto da zona sul mesmo, do Aquarius.

**SEGUNDA ENTREVISTA:****Yoichi Kurotaki****81 anos - 28 de março de 1941****Goshogawara, província de Aomori, Japão**

- **Seu Kurotaki, em qual ano você veio para o Brasil?**

1961

- **Quando se mudou aqui pra São José dos Campos?**

Foi em 65.

- **O senhor ficou quatro anos em Suzano, isso?**

Isso, isso. trabalhava em Suzano.

- **Qual foi o motivo de o sr. ter se mudado pro Brasil?**

Eu gostaria de ter ido até pra outros lugares na época. Mas não tinha conhecimento, nem conhecimento, então o único lugar que dava pra vir, era o Brasil, através da cooperativa Cotia. Eles procuravam pessoas jovens, solteiras, para trabalhar aqui.

- **E com o que o senhor começou a trabalhar aqui?**

Com a lavoura.

- **O que o senhor fazia lá?**

A família que eu fui, plantava batatinha, milho, repolho, tomate, cenoura.

- **O senhor me contou em outro momento, que você trabalhou com tudo envolvendo terra, que vocês tinham que tentar conseguir seus próprios terrenos, e que isso inclusive é que ficava caro e impedia que vocês voltassem pro Japão, se desejassem. O senhor chegou a querer voltar?**

Ah, pra voltar Japão? Não. Veio e acabou.

- **Quando o senhor casou com a dona Ilda? Já tinha vindo pra cá?**

Sim, em 65, conheci ela aqui.

- **Como vocês se conheceram?**

Lá na colônia tem o clube de jovens, né? Aí a conheci.

- **Com ela você teve o Anderson, seu filho único, né?**

Sim.

- **Quando o senhor chegou, você estava na colônia, tinha muitas pessoas juntas, por ser na cooperativa, tinha outros japoneses juntos, mas ao conviver com os brasileiros, você sentia essas diferenças culturais, de nacionalidades, era muito diferente. Você pensava “é, sou estrangeiro”?**

No começo, assim, tinha muita diferença e dificuldade. Mesmo com os japoneses, por exemplo, a família do meu patrão, essas pessoas que vieram antes da segunda guerra mundial, já estavam aqui há 50, 60 anos, e formando família, casaram, tiveram filhos, têm terrenos grandes. **E eles não gostavam da gente, os ‘japoneses novos’, chamavam japonês novo.** O pessoal que vinha, por exemplo, meu patrão, veio com 10 anos de idade. Eles já viveram aqui por quase 40 anos até eu chegar. Os pais dele já eram falecidos. E ele seguia o que pai e mãe fizeram, então foi a pessoa que faturou realmente o que os antepassados fizeram, que virou dono. Lá em Suzano, onde entrei, uma grande fazenda, tem 200 alqueires. É bem grande. E pequeno, mesmo assim, tinha 5 ou 6 alqueires. **A gente, vindo de fora, não tinha nada.** As pessoas que vieram depois da guerra, os chamados “moço de Cotia”, éramos todos novos, mas estudados. O patrão na época, com seus 60, 70, 80 anos, muitas vezes não tinham estudado nada, vinha e trabalhava. Com a guerra, muita gente não teve como estudar. Mas nós, os mais jovens, tínhamos acabado de sair do colegial, eu, por exemplo, estudei em uma escola agrícola, de maçã. Especialista de maçã. Com 20 anos já saí, fui educado sobre plantas, tínhamos mais conhecimentos, e eu acho que isso incomodava o patrão japonês já antigo.

- **Entendi, eles implicavam, pois vocês não vieram sem nenhum conhecimento, não estavam à mercê deles, por assim dizer. Daí criavam intriga?**

É, por exemplo, a gente entrou numa família, não eu, mas do nosso grupo, aconteceu muito: quando chega a idade, tinha que casar. Então, o patrão tinha uma filha boa, que era do nosso círculo jovem, daria pra casar, mas não deixava casar. Queriam que casasse entre os patrões, as famílias deles. A gente tinha um grande conhecimento do estudo, mas não éramos donos de algo. A colônia inteira não gostava.

- **Conte mais, por favor, da sua relação com seu primeiro patrão, na época do trabalho em lavoura.**

Meu primeiro patrão, fiquei com ele por 10 meses. E depois sai. E fui pra outro patrão, porque o primeiro judiava muito. Por exemplo, a gente começou a fumar e precisava de uma caixa de fósforo. Uma caixinha de fósforo, ele descontava. E nosso salário, ‘era muito barato’. Porque contrata assim: a gente trabalhava 4 anos nessa família. Quando chega na hora, após cumprir os 4 anos de obrigação, o patrão tinha que ajudar a gente para formar mais uma agricultura, mais uma família. A intenção da cooperativa Cotia era essa. Mas tinha patrão que não tinha terreno, que não ajudava em nada. E naquela época lá, 1961 pra cá, o salário era de 1300 contos de réis. Então, comprar dois ‘sapatón’, pra trabalhar, aquelas duas botinas, e um maço de cigarros, já não tinha dinheiro nenhum.

- **Pra comprar comida já não sobrava?**

Nada, nada. Comia na casa do patrão. Dormia lá também. Mas ficava preso a isso. Onde eu entrei lá, dormia em quarto separado, em casinha pequena. Não tinha nem forro. Minha mãe me mandou um colchão e cobertor bonito, sabe? Bom. Coloquei em cima da cama, e quando voltei pra casa de tarde, estava cheio de folha seca. Os passarinhos passavam para fazer ninho e derrubavam galhinhos, folhas, dejetos. Então, era muito sujo.

- **Então, quando você veio, além dessas dificuldades, dessas diferenças, vocês nem falavam o português ainda, né?**

Não falava nada. Fui aprender a falar algumas palavras, com o que o patrão falava. Eu dirigia trator já, sabe? Carregava gente lá de manhã, encostava o trator, e as pessoas entravam na carreta. Aí, levava lá, naquele lugar da colheita, e falava “arranca batata”. O patrão ensinava: ‘fala assim: arranca batata’. Aí era a única palavra que eu sabia (risos). Aí depois, começava a esquentar, mais ou menos 10h da manhã, aí falava: “encaixa batata”. Se deixasse mais no sol, ela queimava, né? Daí de manhã, começava a cavar a batata, deixava de lado, aí conforme esquentava, tinha que lembrar de encaixar. Encaixou? “carrega batata”. Aí uma mocinha marcava, qual pessoa, e quantas caixas carregou. Marcava tudo. E eu escrevia com as letras em japonês, quantas caixas cada um arrancou, um 200 caixas, outro 120 caixas, outro 60. Eu marcava a pessoa, e era com essa quantidade que a gente marcava que no final de semana o patrão pagava. Por exemplo: uma caixa era igual a um conto. Era assim que pagava.

E esse patrão, olha, ele não deixava sair. Pra passear.

- **Não deixava vocês saírem?**

Não. Ele tinha mais ou menos 20 alqueires lá na chácara dele. Não tinha cerca, mas aquele era a área dele. Quando chegava final de semana, o patrão descansa, né? Sábado e domingo. Ele chegava pra mim e falava “pega trator, e vai arar a terra”. Era assim.

- **E, além disso, no caso dele, ele não ajudou vocês quanto às terras, conforme a cooperativa queria?**

Ele tinha terreno, mas do jeito que tava, ele não ajudava. Conforme o patrão tinha bastante terreno, era possível dar uma parte de terra pro funcionário depois, e ele seguia trabalhando, mas no seu espaço. Mas quando as terras eram menores, não tinha mais como dividir. A gente tentava, ganhava dinheiro, comprava adubo, semente, alguma despesa, mas foram poucos que encontraram com um patrão bom, que ajudasse os novos a terem uma terra. Lembro que meu grupo veio 30 pessoas mais ou menos, dentro desse grupo, alguém que ganhou dinheiro já com o primeiro patrão, era 1 ou 2, que uma vez encontrei novamente, e já tinham até carro. Carro de passeio, sabe? Porque ganhou um bom dinheiro, porque encontrou com um patrão bom.

- **E com tudo isso, ele ainda não deixava vocês saírem. Logo de cara, você não conhecia nem outros brasileiros, né? Demorou pra você conviver com os brasileiros?**

Não conhecia nada, nada. Sabe, quando eu vim, eu posso ir pra qualquer lugar que eu não tenho dificuldade, eu logo ficava amigo das pessoas. Isso eu tenho, sabe? Mas naquela época eu não conhecia ninguém, não conhecia nada. Apesar do problema do primeiro patrão, quando eu comecei a conviver, eu entrei me sentindo assim, sem cercas, sem barreiras. E comecei a entrar na comunidade brasileira, e eu não sentia nada, nenhum problema.

- **É? (sorri)**

Sim. Foi bem tranquilo. E tinha um pessoal, daqui, que a gente chamava ‘camarada’ né? Aquela família camarada, que ficava dentro da área do patrão, tinham uma casinha. Eles chamavam: ”japonês,

vem em casa hoje, seis horas, seis horas tá?”. Ai eu ficava lá dentro mesmo, seis horas já tinha parado de trabalhar. Eu tomava banho e ia. Ai a esposa fazia bolo, café, e eu entrava na família deles como um amigo. Eu era muito fácil de fazer amizade, depois podia ir pra qualquer lugar. Aqui mesmo, já na Kanebo. Eu entrei, me arrumaram uma quantidade de pessoas, umas 20 pessoas. Não passou nem uma semana, eu já conhecia tudo, e era conhecido por todo o grupo, e as pessoas já seguiam atrás de mim. Eu tenho isso aí (risos).

Depois eu comecei a trabalhar um pouco na Petrobras, na Philips, Revap, e entregaram um grupo para mim, eu logo ficava em cima de todo mundo.

- **O senhor tinha facilidade para liderar né?**

Sim, isso eu tenho. Na época que tocavam obras na Kanebo, eu cuidava de 120 pessoas. Eu fazia de tudo, e eles me escutavam também.

- **Dentro desse tempo todo, o senhor já está aqui há mais de 60 anos. O senhor chegou em algum momento, mesmo depois que já trabalhava, que já tinha aprendido mais do português, chegou a sentir alguma piadinha sem graça, algum preconceito por você vir de fora?**

É, isso tinha bastante. Tinha bastante. Só que... eu não ligava. Antigamente, aqui em São José também, tinha muito brasileiro assim que, era meio baixo quando falavam com a gente. “Ei, japonês”, e falavam grosso, sabe? “Ei, Japão!”. Hoje eu falo né, cheguei aqui e começou a me encher o saco, eu falava: “Japão, é o nome do país. Se for falar de gente, tem que ser no mínimo japonês, ô!”. Mas é isso.

- **E de preferência, te chamar pelo nome, né?**

É. É que é difícil para alguns, né, aprender nome em japonês. Eles só falavam “Kurotaki, Kurotaki!”. Mas já é melhor o sobrenome. Hoje mesmo, o pessoal fala Kurotaki. O sobrenome é único aqui, só eu e o Anderson que temos, né? E meu neto. Quer dizer, tem mais dois em casa hoje, que moram comigo. São Kurotaki também.

- **Quando conversamos antes, o senhor chegou a falar que quando chegou, disse que não sentia tanta diferença. Que notou somente em um primeiro momento, que o Japão tinha muitas montanhas, e o Brasil era mais plano, reto... Você chegou de navio lá no Porto de Santos, né? Qual foi a primeira impressão que você teve daqui? O que você lembra de quando desceu, foi até a casa da imigração, o que você sentiu?**

**Questiono o seu Kurotaki sobre alguns detalhes anteriores, da vinda. Mas ele tem algo a ressaltar sobre a vinda dos jovens Japão e salienta que é muito importante:**

Antes de responder essa sua pergunta, vou falar mais uma que vou colocar aqui, coisa muito importante! O solteiro e novo que era japonês, era **muito** difícil casar. Muito difícil. Tinha pessoas que chamavam mulheres do Japão, pra poder se casar. Então eu, como eu entrei na colônia japonesa com um grupo jovem, e eu fiz amizade fácil, pra mim foi fácil de casar.

E pensa, a gente vinha pra trabalhar na Lavoura. Lá, Suzano, Mogi das cruzeiras. Mogi tem muito japonês, sabe? E aí, muitas vezes tinha essa dificuldade pra se casar, chegava a idade não podia mais casar, ficava na terra, às vezes não conseguia plantar, ou tinha dificuldade pra vender algo. Se endividava. E endividado, teve muita gente que se suicidou. ‘Muita pessoa’. Então, como a gente vem sozinho, não dá pra fazer nada. Se pelos menos tem uma companheira, a esposa, ela ajudava. Já ajuda bastante. Sozinho, arar terra, plantar, colher, levar pra vender, chegar em casa cansado, cuidar de casa, lavar as roupas de trabalho, fazer alimento. É difícil. Pra gente, era complicado, os mais antigos vinha e chamavam “ô, japonês novo”. Ou seja, eles gozavam da cara da gente, nos rebaixavam, sabe? Menosprezavam a gente.

**Agora, retornando a nossa questão:**

Agora, daquela sua pergunta: ‘meu terra’, todo lugar que virava: montanha, montanha, montanha, montanha. Mais de 1000 metros de altura mais ou menos, e por aqui, tem poucas montanhas dessa magnitude, né? Então quando eu acordava, o sol vinha, nascia, de leste para oeste, se punha, e mais ou menos há 40, 50 km de distância, estava lá, uma dessas grandes montanhas. Até baixo da montanha, é tudo plano. Então, na minha terra especificamente, tinha muita planície, porque tinha plantação. Você via a faixa verde, é tudo pé de maçã. A maçã fuji, era lá que plantava. Via a faixa amarela antes, ao redor, é plantação de arroz. Então, quando chegava aqui, olhava, tudo muito grande assim. Mas totalmente diferente de onde eu nasci. Lá na minha terra, esse ano, caiu 4 metros de terra. Mesmo plano, cai neve. É diferente. O rio até congela lá. Eu acho lá muito bonito.

- **O senhor voltou pra lá depois né, já morando aqui, para visitar?**

Eu voltei pra lá 6 vezes, para passear. **(diz mexendo no maço de cigarros). Ele me encara e balança o maço:** Isso aqui, eu aprendi quando cheguei pra cá.

- **A fumar? É? não fumava lá?**

Não, hehe. Esses camaradas, pessoal bom, cara que trabalhavam muito, eles sempre juntavam muito dinheiro, e eu chegava lá, e davam cigarro pra mim. E eu: “não, não, não”, e eles: “fica, fica!”. Assim que comecei a aprender a fumar. E olha, uma história: é besteira, mas quando eu estava capinando, arrancando batata no meio do mato, aparece cobra, né? Aquela camarada, tinha muito medo de cobra. E primeiro eu não sabia, perguntei, e eles “cobra, cobra!”. E eu não entendi. Ai eu vi, era uma cobra já conhecida. Pedi pra mostrarem onde estava, ai eu fui, peguei a enxada, peguei a cobra, segurei com a mão. Nossa, como camarada me respeitava. “Japonês pegou a cobra!”. Peguei, e joguei no mato. E eu pegava tudo. Aranha, do tamanho da minha mão. **(ave Maria).** Eu pegava inteiro, e fiz embalsamar.

- **Caramba, falando sobre os bichos, o senhor ainda comentou que vocês comiam de tudo, né?**

É. Comia cobra. Se tiver grande, come. Aqui na Kanebo, comeu muito. Não é venenosa, come.

- **Como é que fazia, fritava?**

É, frito.

- **Então vamos resumir um pouco da sua trajetória até chegar aqui, seu Kurotaki. Você fica lá em Suzano, depois de aproximadamente 4 anos é que vem pra cá. O que você achou de São José dos Campos? Aqui era tudo mato?**

Aqui era campo. Tinha o caminho assim, todo de capim-colchão. E cheio de cocô de vaca. Então, era construído só, ali o Vale Sul, que era a Alparagatas, né? E daí atrás, não tinha caminho pra vir pra cá. De carro. Se quisesse entrar, podia entrar, mas nem conhecia pra cá. Eu ficava lá, todo dia mexendo em obra. Aí, começaram a mexer, construir casa aqui. E era engraçado, tudo o mesmo estilo, mudava a cor. Casa amarela, verde, marrom, mas no máximo 4 ou 5 cores diferentes. Eu falava: “nossa, ali não dá pra botar bêbado, se não vai perder sua casa”. Era assim, a zona sul, então, muito diferente.

- **E como foi? O senhor viu São José crescer, realmente.**

Então, eu vi primeiro São José, que o meu sogro estava aqui, né? Ele precisava de motorista de caminhão para buscar verdura no Ceasa em São Paulo. Então eu trabalhava em São Paulo, na casa de um tio, que tinha supermercado. Daí, entregava compra arrumava prateleira. Assim que era meu serviço. Aí, o sogro estava aqui, já estava com idade, não tinha motorista pra comprar verdura. E lá, São Paulo também, eu trabalhando no supermercado tava gostoso, mas a carteira de trabalho não tava nem assinada. Aí comecei a pensar né “ah, não tem futuro, não”. Daí, um motorista de ônibus da Cometa, me chamou pra trabalhar com ele. Ele era chefe da mecânica, como eu tava no supermercado, levava as compras dele. E ele chamava no meio do caminho, “Vem cá, vem trabalhar comigo. Como você jovem, acho que tem muito futuro. Não tem que ficar aqui não”. E com esse pensamento, como meu sogro precisava e chamou, então, decidi vir ajudar. Não tinha motorista, então peguei o caminhão, por volta das 2h da tarde, ia 2-3x na semana, ia no Ceasa, fazia compra, de meia-noite em diante, de madrugada, voltava pra cá. Meu sogro fazia feira, as verduras entregava em algumas quitandas. Assim que fazia, a vida de motorista também... Ah, não tem futuro não. Eu acho, né, só aquilo lá. Foi daí que conheci Kanebo. Um amigo meu queria entrar, e eu levei. E enquanto ele estava lá no escritório fazendo ficha, um diretor me olhou, apontou e falou: “E você? Vem trabalhar ou não?” E eu falei ‘se tiver serviço, quero trabalhar’. Ele me perguntou em qual função, eu disse que sabia dirigir carro, e gostava de mecânica, porque lá na chácara, desmontava e montava trator junto do filho do patrão. Então aprendi como mexia em motor, fazer manutenção. Eu falei, a única profissão que tive em carteira, foi motorista, já tinha carta. Ele disse “tá bom, e você não quer trabalhar como motorista?” De carro de passeio, pra levar eles pra São Paulo, 2 ou 3 vezes na semana levar eles pra compromissos. E eu falei ‘motorista, não’. Ele só respondeu ‘tá bom, depois de amanhã você vem pra trabalhar’. E aí eu fui lá, e comecei como ajudante de eletricitista, e a profissão tava marcada como operador de motor a diesel. O motor, eram 20 toneladas de motor. Um baita de um motor pra fazer a energia. Aquela época sempre acabava a energia, quando vinha chuva forte, acabava a energia. E fiação, tecelagem, não pode parar a energia, senão conforme parasse a máquina, quebrava toda a linha. Então, não podia deixar desligar energia. Acabava energia, corria lá, fazia funcionar o motor. Assim que comecei a trabalhar na tecelagem. E, depois de uma semana, a pessoa que estava lá, mexendo com o motor, precisa, na verdade, de duas pessoas, né? E uma pessoa que estava lá me explicou, como que iria funcionar o motor. Para dar a partida, demorava 5 minutos! Ele explicou, tudo, tudo, tudo, como fazia funcionar, como fazia pra parar. Ensinou tudo. Aí, há mais ou menos 15 dias que estava lá, a pessoa que mexia no motor, mais antigo, não estava lá. Tava descansando. Só tinha eu. Aí, acabou a energia...! E eu corri, lá do escritório até o motor, tinha uns 500 metros. E eu corri, abri a porta, grandona, me molhei tudo porque veio aquela chuva. Conseguí, fiz funcionar o motor. Deu tudo certo. Veio o cara mais antigo, meu gerente, gerente da área e o diretor-presidente. Vieram olhando assim: “você fez funcionar?”. Falei que sim. na época, você entrando na Kanebo, com um mês, recebia um informe, para mudar de

área. Eu, com aqueles 15 dias, no dia seguinte desse caso, já recebi o informe. Daí que minha carreira subiu.

**(Não queria que entrasse na entrevista:)**

Quando tava na Kanebo, tinha mais ou menos 1000 pessoas. Depois acabou de construir a fábrica nova, aquele escritório, que é a área do shopping hoje. Lá era a fábrica nova. Eu entrei, e ajudei na construção dessa área nova. Fiquei lá 10 anos. Nesse tempo, desde quando entrei, subia de cargo, 2 por ano. Todo ano subia salário. E entrou salário mínimo, 5 anos eu passei todo mundo, era chefe geral de manutenção. Rápido que nem eu, não tem. Só que fazia todo serviço, qualquer serviço. “Kurotaki, essa árvore não dá, não”. Cortava. “Esse asfalto tá ruim, tem que mexer”. Tá bom. De noite, me organizava, arrumava tudo, colocava chapa de ferro. Era assim que eu fazia. Igual eu, subindo de cargo tão rápido, na história da Kanebo não teve. E isso foi bom pra mim. Só que: de domingo a domingo. E muito serviço. Cansava bastante, e foi quando não aguentava mais, que eu sai.

- **Depois que saiu, o senhor comentou que ainda trabalhou pela região mesmo, chegou a trabalhar na Petrobras, Philips.**

Isso. Ainda na tecelagem, eu prestava antes serviço pra uma empresa, que entregava portão especial, tubulação de incêndio. Quando eu sai e eles souberam, chamaram logo em seguida. Queriam que eu trabalhasse por 3 meses, com serviço de tubulação lá na Petrobras. 1.500 metros de tubulação. Para água potável e vapor. Tinha que ir soldando e colocando a tubulação, por 1,5km. Em três meses. E eu terminei, dentro dos três meses.

Em seguida, não sei se você conhece, a Construtora Paraíso. O dono era um ex-vice-prefeito daqui, Riugi Kojima. Ele me chamou para construir escola lá em Jacareí. Em 90 dias. Quatro salas, e dois banheiros. E entreguei dentro do prazo. Eu sempre fiz assim. E de construção, eu não sabia nada. Não tinha estudado nada. Foi de fazer, de prática. De pouco em pouco, aprende, né? Eu fiz até uma caixa d'água de 5 mil litros de volume. Pra mim, construção civil, quando achava complicado, estudava como tinha que fazer, onde tinha que entrar, onde eram as paredes. Olhava o desenho, e imaginava pronto. Era assim

- **Então, o senhor fez muito. Trabalhou com muito, produziu muito. Fez parte dessa história das mudanças de São José dos Campos. Qual é a sensação?**

Nossa. São José é muito diferente, né, de Suzano, Mogi. É bonito, uma cidade bonita. Apesar de não ter conhecido antes, eu sempre achei bonito. Na época que eu cheguei, se tivesse ficado pouco tempo em Suzano, já tivesse vindo para São José, já tinha mudado pra cá. Nossa, aqui é outro estado. Ainda não tinha nada, cidade era só pra lá, mas depois saiu o Vista Verde, a zona leste. E sempre gostei. Inclusive, depois que sai da Kanebo, uma fábrica de Suzano também me chamou pra trabalhar. Trabalhei ainda mais 10 anos em Suzano, e a empresa queria construir uma fábrica em Minas gerais. Ai, fui lá pra Minas Gerais pro trabalho, mais 15 anos. Então, por 25 anos, eu trabalhava fora de casa e da cidade. Nisso, eu acabava ficando lá alguns períodos. Já em Minas, uma vez tive que ficar por lá um mês. Quando voltei pra casa, depois de um mês, já tava com essa praça toda construída. Tinha muro, depois, tudo construído. Lembro que tive até dificuldade pra voltar de Minas uma vez, porque quando retornei, já tinham construído a marginal da rodovia Dutra, e já era fechado depois do ponto. Daí tinha que pegar a estrada pra Caraguá, na Tamoios e vir pra cá. Toda vez, toda vez que saía e voltava pra São José, algo já tinha mudado.

- **O senhor foi vendo crescendo aos pouquinhos, então?**

Nossa, nossa... Igual São José crescia bastante, não tinha. O progresso rápido, era aqui em São José, todo mês mudando algo, com aquele ritmo.

- **O primeiro lugar que o senhor morou aqui em São José, era perto da Kanebo?**

Não, eu morava no centro da cidade. Vila Maria. Só tinha casa para lá. E lá morava meu sogro. Aqui era novo, não tinha nada. Era meu amigo, que você conheceu aquele dia, Mário, que ia me buscar na Vila Maria, de lambreta. E a gente vinha trabalhar. Da Dutra pra cá, tinha algumas casinhas, uma ou duas, o resto era tudo pasto. Eu lembro, lá pro Carrefour, você ia andando reto. Porque não tinha nada, eu ensinei Anderson a dirigir ali. Não tinha rua. Depois de um tempo, construíram um prédio. É pequeno perto dos outros que tem hoje até.

**(Antes que eu pudesse perguntar outra coisa, ele emenda, contente, com animação genuína)**

Olha, eu gosto muito de São José! 'Muito São José'. Agora eu tô com essa idade, mas ó: São José é diferente. Rua limpa. Bem feita. Ampla. São bairros diferentes, alguns parecem até outra cidade, mas é bom. Santo Antônio (9do Pinhal) também é assim. Mas nossa, São José é outro tipo de cidade, de todas que eu já vi. E eu gosto, gosto daqui. E o pessoal fala né, São José ia crescendo tanto, que as cidades que eram grandes ao redor, parecia parado. Mesmo com a indústria checando nessas cidades, é diferente. Muito diferente, mesma região, mas não é igual a São José. E aqui, você vê, é a segunda maior fonte de renda do estado, né? De São Paulo. O vale é o segundo principal polo industrial, né?

- **Acha que isso te auxiliou a ter menos falta e vontade de voltar pro Japão? O senhor falou uma vez que achou engraçado que pouco depois da sua chegada aqui, começaram as construções grandiosas no Japão, inclusive o trem-bala.**

Eu vim em 61? Em 64 já tinha trem-bala no Japão. Rodando.

Só que, na época que eu estudava, minha família tinha dinheiro, não o suficiente pra ser rico, mas não sofria nada, nenhuma dificuldade para sobreviver. Lá, quando começou a aparecer tratorzinho, em casa já comprou. Quando começou a sair a televisão colorida, meu pai já comprou. E naquela época, era caro, o valor de um tratorzinho. Com o dobro do valor, dava pra comprar um carro. Uns 60 mil yens, um carro. Era 30 mil uma TV. Era muito caro.

Mas a gente vivia tranquilo. Não precisava pensar muito no futuro, pensar no amanhã, como seria. Não se preocupava tanto. Então, afrouxa, né? Eu não sei explicar direitinho pra você. Mas olha, aqui mesmo, filho de rico no Brasil: porcaria, né? **(rio. Entendo o que ele quer dizer.)** A maioria, né? Porque... Não precisa se preocupar. Porque tem dinheiro. Não trabalha. Vive bem. Então, eu também por lá. Ia à escola, muito pra passear. Aprender ou não aprender, tava nem aí. Não tinha muito conhecimento de economia, e no país, a maioria assim, sabia. Mas não tinha muito interesse nas notícias, de como o país estava indo, como estava a economia, tem bastante emprego, não tem... Não pensava muito nessas coisas. A gente não tinha nada disso na cabeça. Por isso que veio! Hehe. Se sabia que teria trem-bala 3 anos depois, talvez eu ficasse. Porque nas grandes cidades, tinha muito emprego. E o Japão, com a guerra da Coreia do Norte e Coreia do Sul, os EUA veio para ajudar. A base aérea do Japão, militar, levava muito material, precisa de muito uniforme, munição, bala de canhão grande para a Coreia. Então o Japão tinha crescido muito. Onde fabricava ferro em siderúrgica,

faltava muita gente, faltava material. Se soubesse, provavelmente até não viria pra cá. Um exemplo, é a Rússia hoje. As pessoas que imigraram antes, recentemente, se soubessem que haveria guerra entre o país e a Ucrânia, será que escolheria ir viajar pra lá? Na situação de hoje, não dá pra ir, economia difícil, muito perigoso. E foi o que aconteceu, não estava dentro da minha realidade saber disso. Mas hoje, eu vivo bem aqui.

Hoje, problema grande daqui, é a política, né. Mas você só muda país, e a cidade, mudando o sistema político, como funciona. Porém, aqui, a gente vive tranquilo. Qualquer coisa que acontece, um acidente, a ambulância vem logo, o SAMU, então para mim, essa cidade é muito melhor. Uma vez, final do ano passado, fui fazer exame do coração, e onde fui alocado, nossa como atendiam! Eles me sentaram logo que cheguei, me acomodaram, me apresentaram quem ia me atender. A cada meia hora o rapaz que me atendia voltava, atendia muito bem. Eu brinquei: “aqui o atendimento é muito bom, lembra meu país, muito parecido com o Japão”. Ele respondeu: “hoje o atendimento das empresas estuda o serviço dos melhores países, onde o cliente está mais satisfeito. Do Japão mesmo, inclusive”. Daí eu vi, como mudou, como melhorou, né? O Brasil busca melhorar. Eu compro na loja, paguei com dinheiro, e sempre falo “obrigado”. E isso é um costume nosso, que, na verdade, é papel do comerciante, do dono do estabelecimento fazer.

**- Onde o senhor começou a aprender a escrever em português? Mais na Kanebo mesmo?**

Escutando, olhando, copiando. A gente erra o R e o L, sabe? É aí que a gente erra.

**- E os costumes, seu Kurotaki, além das diferenças locais do terreno, tem essa diferença cultural, você sentiu essa diferença?**

Aqui, diferença tem. Mas hoje, eu não sinto ahaha, por isso não consigo falar especificamente. A gente viajando de ônibus, por exemplo, todo mundo junto, você vê que o brasileiro é muito expressivo, fala mesmo, reclama, inclusive, fala sempre que “as coisas não mudam”. Mas para nós de lá, no Japão, eu sinto que as pessoas fazem mais pela mudança, fora falar. Os anos passam, e melhora. Acontecem tragédias, e resolve. Aqui, as coisas se mantêm mesmo, porque não muda, por a responsabilidade ser toda jogada de um lado pro outro. Eu acho o brasileiro inteligente, muito inteligente. Só que, se acomoda.

**- O que você mais sentiu saudade depois de um tempo aqui?**

Tem bastante tempo que eu tô aqui. Quando eu entrei naquele primeiro patrão, que não sabia nada, mal sabia falar aqui teve um dia, depois de 3 meses trabalhando aqui, que eu acordei. E sabia que tinha acordado, mas não conseguia levantar. Daí, como eu não saí daquele quartinho, o patrão veio. E tentava abrir a porta, mas tinha cadeado. Aí eu ouvi, levantei, consegui sair do chão, e abri. O patrão entrou, e olhou, viu que tinha um sangue seco escorrido no meu rosto. Ele me perguntou “o que aconteceu?”. Eu não sabia, mas estava com muita dor de barriga, não conseguia trabalhar. Ele me falou pra ficar deitado, então. Na hora do almoço, a patroa trouxe comida, mas eu não conseguia comer. Nesse dia, o patrão saiu para Suzano, pra comprar remédio, tipo xarope. Achou que eu tinha diarreia, que tinha comido algo que me fez mal. Depois passou a dor, e nem tomei o remédio. Mas ainda tava mal. Após 3 dias, de tarde, o patrão voltou e perguntou “ainda tá mal?”. Disse que sim. “Então vamos lá, no hospital”, ele falou. Eu troquei de roupa e entrei no caminhão. Fui numa médica japonesa, e ela disse: apendicite. Tinha que operar, mas o patrão disse “não, não, não, obrigado.” Ele disse que me levaria até a matriz da cooperativa Cotia, em Pinheiros, no hospital de Cotia, em São Paulo. Às nove

horas da noite, operei. Meia-noite, tive vontade de ir ao banheiro, quando vi, só tinha o patrão ali. Fui ao banheiro, na volta a enfermeira viu, perguntou o que eu estava fazendo fora da cama, e disse que tinha que chamar eles. Eu deitei, ainda com dor, depois da cirurgia, e foi naquele dia. Primeira vez e última que eu pensei “não posso viver aqui no Brasil.” Aquele dia, arrependi. Deu saudade.

Quando eu fui sair do Japão, a gente entra na estação de trem, o trem faz aquele barulho “IIIII”, fecha a porta e segue. Na hora some, a despedida, o que é chato, o que é triste, o que sente, e vai. Porque a parte do navio vêm, e é muito demorado. A viagem é longa. E lá de cima do navio, na grade, você olha eles soltarem a fita. Quando saí do Japão, você vê que cada vez vai ficando mais longe, e a distância de mais ou menos 50, 60 metros da costa... dá uma vontade de pular. Pra voltar. Naquele momento, você tem vontade de pular e retornar. A vontade já tava ganhando em uns 60%. Mas mesmo assim, naquele momento, minha cabeça ainda tava funcionando. Era 4 de fevereiro de 1961, temperatura da água estava abaixo de 0°. Se eu pulasse daquela altura, uns 10, 15 metros, morria de hipotermia, um ataque do coração. Naquele momento, uns 2% me deixava imaginar que se eu pulasse morreria. Por isso que não pulei. Aí, enquanto o navio ia, você ia enxergando as luzes de Yokohama. Cada vez mais longe. Então, tinha que cortar, aquilo que tava na cabeça. Aquela amarra. Dali adiante, nunca pensei em voltar pro Japão, para viver e morar lá. Eu mesmo, encontrei muito japonês e brasileiro no Japão que vive lá, junta dinheiro, pra voltar um dia. Passear eu fui, algumas vezes. Saudade, tem. Vontade de voltar para viver, não tive. Se eu precisar hoje, entrar no Amazonas, eu me adapto rapidamente. Eu fico tranquilo. Eu faço amizade muito rápido.

- **Eu tô falando muito de São José, por a cidade ser a 4 no estado de SP que mais tem imigrantes registrados. A gente imagina que seja por isso, porque trouxe muitas pessoas de fora, é perto da capital, tem muitos benefícios. Queria saber, pro senhor, o que é ser imigrante?**

Você pergunta assim, e se escrever com as letras em japonês, é “Lugar de vida - muda”. Isso é imigrante. Em outro sentido, o quê que é ser imigrante? Pra mim, o que eu tô pensando, é que eu vim de outro país. Cheguei aqui, morei, busquei levantar minha vida, comer, viver, criar filho. Mas não é só isso aí. Eu, aqui, eu cheguei, e o Brasil, o brasileiro, aceitou outra pessoa, outra nacionalidade. E a gente veio, vivendo aqui, sem dificuldade, vivendo como um legítimo brasileiro. **O imigrante, o que a gente deve fazer onde vai: têm quer deixar algo. O japonês fez muita coisa, mudou muita coisa, na agricultura, melhorou colheitas, modificou fruta, legume, flor. A orquídea, por exemplo, a maioria o japonês que mudou. Hoje, o brasileiro compra, e enfeita a casa. Além de tecnologia, além de conhecimentos, até a cultura. Tem que deixar. Essa é a obrigação do imigrante. Deixar uma marca.**

**O senhor falou isso, dando o exemplo da sua vida, e citou essa troca cultural. Em especial o Brasil x Japão, tem essa troca mesmo, muito reconhecida mundialmente. Aqui temos a maior colônia japonesa fora do Japão, e lá, a maior colônia brasileira fora do Brasil. Pro senhor, o que você sente que você ganhou com a convivência no país, e aqui na cidade? Você veio muito novo, aos 20 anos, o que você viu que ia ganhar daqui?**

Essa é difícil, hein? Aprendi, falando de comer, aprendi a comer o churrasco. Não se faz desse jeito lá. A forma de fazer, como o porco na feijoada. Era muito diferente! E outro: frutas! Manga, abacate, banana, jaca, é muito diverso. Essas frutas do Brasil, o Japão hoje tem, mas não tinha. E ainda é caro. Essas frutas tropicais, a gente tinha vontade depois de comer uma vez, comia tudo. Da cultura, assim, algo que achei muito bom, eu sou muito cabeça dura, sabe? Cheguei no Brasil, pessoal me levou pra

assistir futebol quando trabalhava em São Paulo. E nossa, aquela sensação do estádio cheio! Ali eu senti, e o jogador passava a bola e o pessoal “ÓOOO!”. Aquela sensação, eu entendi aquele dia. Foi a primeira vez. Não tenho nem time hoje, mas foi porque logo após o jogo, vi alguns torcedores brigando, só devido a uma partida. Mas a cultura do futebol, eu entendi o motivo, eu senti.

Hoje, meu divertimento, em vez de jogo, futebol, eu não jogo carta também, não vou pro boteco jogar. Pra mim, é a pescaria. Alugo barco em São Sebastião e vou pescar no mar.

- **Falando de esporte, lembro que o senhor disse que quando chegou na Kanebo, o time de beisebol perdia, isso?**

É, só perdia. Dizem que antes de eu chegar, ganhou, foi até pra fora jogar. Mas enquanto eu estava lá, só perdia. Eu não jogava, e nem assistia porque só perdia.

O que eu gostava de fazer, porque me lembrava de quando eu tinha 6 anos e esquiava na neve no Japão, era andar de ski aquático. Hoje, depois de velho, não dá mais haha.

- **E daqui do Vale, o que mais o senhor conhece? Gosta daqui?**

Ah, conheço muito dos cantinhos daqui, inclusive por causa da pesca. Em Taubaté, em Caçapava, tenho amigo. Gosto daqui, tudo é muito tranquilo. É bom.

- **Quando foi trabalhar em Minas, decidiu ficar morando aqui, né? Não quis ir morar lá?**

Não. Preferia ir e voltar. Ficava até um mês lá, vinha pra cá, passava uns 4 dias, voltava. Gosto daqui, não quis mudar.

- **Se você conhecesse um estrangeiro, que tá pensando em se mudar, ir pra outro país, que dica que você daria pra ele? E se ele viesse pra cá, pro Brasil, você recomendaria aqui, a cidade?**

Ixe, São José dos Campos? São José eu falo na cara: São José é muito bom de se viver. Vai morar no Brasil? Escolha São José dos Campos, é tudo muito bom.

A dica, bom, a pessoa que mudar, tem que experimentar. Tem que continuar. Coragem não precisa, não.

**Não, não precisa coragem? Se tiver medo, pode ir com medo mesmo?**

É não acho que precisa de coragem não. Você, tá aqui no Brasil, né? Você é solteira. Um dia, se quiser, vai casar. Arruma alguém, vai casar, formar família. Futuramente, você não tem medo? “Será que eu vou escolher uma pessoa boa? Honesta, trabalhadora?” Planejar tudo isso, como será, você não tem medo do futuro, não? Mesmo aqui, no seu país. Então, pra mim, coragem não precisa. Só precisa fé. Se você for ter uma família, for ficar com alguém: confiança. Um no outro. Isso, eu acho que é o mais importante. No seu ou em outro país, terá problemas. Precisa lembrar: o pingo de pimenta, que arde, em qualquer lugar, na garganta de qualquer um, tomando um copo de água, uma hora passa. Na hora que arde, dá raiva, entristece, amarga. Mas tenta, persiste. Bebe água. A vida é assim.

**TERCEIRA ENTREVISTA:****Ludmila Saharovsky****73 anos - 22/11/1948****ORIGEM:**

- **Pode me falar, por favor, seu nome completo, data de nascimento e o local de origem, que claro, pode ser onde a senhora se considera: Rússia, Áustria, Brasil.**

Então. Eu tenho até um problema, inclusive, com minha data de nascimento, porque eu nasci em 48, mas fui registrada em 46, porque na época da imigração, os países queriam crianças maiores. Então, eu nunca sei que data que eu dou hahaha. Mas eu nasci, vou dar a minha data de registro de batismo, que é 22 de novembro de 46, porque inclusive nessa época do pós-guerra, eu não tive minha certidão de nascimento emitida pelo governo austríaco, eu só tinha minha certidão de batismo. Por isso que foi tão difícil eu me naturalizar depois. Então é assim, se eu digo que nasci em 48, as pessoas dizem "aaaah, tá querendo esconder a idade?" hahaha, mas se eu quisesse esconder a idade eu diria nasci em 50, pra frente hahaha.

- **A senhora nasceu num campo de refugiados, conta um pouco da situação dos seus pais na época.**

Os meus avós paternos, eles vêm de uma família militar. Meu avô foi oficial czarista, ele lutou em 14, lutou em 18. Por conta da perseguição política, eles conseguiram fugir pra Iugoslávia, meu pai nasceu na Iugoslávia, mas na Europa você não tem a naturalidade, você tem a nacionalidade. Então continuou como sendo russo. E a minha mãe nasceu em Kislovodsk, que é uma cidade do extremo sul da Rússia, lá perto da Chechênia, daquela região que tá sempre em conflito, não é. E ela já fazia parte da juventude stalinista (PESQUISAR). Então, quando começou a segunda guerra, o meu avô e meu pai se alistaram no exército alemão, porque tinha uma guarnição, uma repartição dentro do exército que era formada por oficiais russos, que então dariam as informações de como funcionava toda essa parte bélica na Rússia, porque: não é que eles estavam traindo a pátria, é que eles queriam reconquistar a pátria, tirá-la do governo de esquerda. E a minha mãe, nessa época, ela fazia faculdade de medicina, no último ano, então ela estava trabalhando no fronte, com amputações. Quando os americanos entraram na guerra e começou aquele bombardeio, e os russos tiveram que começar a recuar, porque não tinha mais estrada pra voltar pra casa, no finalzinho da guerra, o único jeito deles recuarem, a parte de hospital de campanha onde a mãe estava trabalhando, era ir pra onde tivesse trem, pra onde tivesse possibilidade de sair dali, daquela região onde havia tanto confronto. Daí ela entrou num trem, com a roupa do corpo, e foi parar na Áustria. E os meus avós e meu pai, no final da II Guerra, tiveram que dar fim nos documentos deles, porque senão eles também seriam repatriados para uma Rússia que estava vencendo a Segunda Guerra, e seriam executados por traição. E aí, com o final da Guerra, foram feitos, porque tinha muita gente que não podia voltar pra Rússia, não queria voltar pra Rússia. E foram feitos campos de refugiados coordenados por 3 países: pela França, Estados Unidos e pela Inglaterra. Meus pais acabaram sendo direcionados pros campos que eram dirigidos pelos Estados Unidos. Porque foram muitos russos encaminhados para esse campo dos EUA, não foi por uma escolha deles. É tipo assim, você tá uma fila, a fila dos campos da França acabou, qual que é a próxima: EUA. Então, foi assim, uma coisa completamente sem predeterminação. E aí, como todos os refugiados, eles queriam fazer América. E por que que eles destruíram os documentos (inclusive todos eles, todos os refugiados, eles se tornaram **apátridas**, porque eles eram de nacionalidade indefinida, então com nacionalidade indefinida, você acaba ficando sem pátria). E eu então nasci nessa situação de pais apátridas, e me tornei apátrida também, só tinha meu registro de batismo, quando nós

imigramos pro Brasil. E aí, o que que aconteceu: os países escolhiam os imigrantes, de acordo com a necessidade que os países tinham. Então, quem trabalhava com algo, que tinha uma formação universitária, era encaminhado já com serviço predeterminado pra eles. E nós, todos os nossos amigos, os russos que estavam vivendo naquele Campo, com os filhos pequenos, a maior parte deles foi para os Estados Unidos, outra parte foi para a Venezuela. E a nossa família, ela foi recusada por praticamente todos os países no qual ela pediu o visto, porque o meu avô tinha tuberculose crônica e eu era muito pequena, e eles queriam que todos os imigrantes trabalhassem. Então, a nossa família, que era o avô, a avó, a mãe, o pai e eu, na verdade, só duas pessoas poderiam trabalhar, que era o pai e a mãe, porque os dois (avós) eram idosos, tinha tuberculose, e alguém tinha que tomar conta de mim.

Então, depois de quase 5 anos nesse campo de refugiados chamado Lager Parsch, (em Salzburg, Áustria), depois até se você pesquisar, hoje ele está sendo transformado, tem muitos estudos sobre esse campo, porque no final, com todos esses anos, a colônia Rússia acabou fazendo uma escola para os pequenos, que estavam precisando ser alfabetizados, formaram uma igreja ortodoxa russa, fizeram teatro, tinha apresentação de teatro, enfim, eles formaram uma comunidade, onde quase todos assim, já com nível superior, cada um deles dentro da sua área, começou a trabalhar naquele campo, para que a vida, pelo menos enquanto a gente não conseguia um país pra onde ir, a vida continuasse de uma forma digna. Não só as pessoas trabalhando para sobreviver financeiramente, mas ter uma vida cultural também, que eles achavam que era o equilíbrio, realmente, da pequena colônia.

Então, quando nós recebemos a permissão de imigrar pro Brasil, foi porque no Brasil, tinha tuberculosos, né hehe. Muitos tuberculosos na metade da década de 50, e também porque tanto a ocupação da mãe, quanto a ocupação do pai, eram necessárias. O pai, embora ele não tivesse o diploma, eles não tivessem como, naquela época, revalidar os seus diplomas, a mãe era quintanista de medicina, foi trabalhar como enfermeira, e o pai tinha terminado a faculdade de engenharia mecânica, então tava no início já da indústria automobilística no Brasil. Os dois falavam perfeitamente o alemão. Então nós viemos, desembarcamos em Santos, ficamos de quarentena lá, o pai ficou trabalhando como estivador lá no Porto, porque, a passagem também foi paga, nós viemos num navio cargueiro, então ele trabalhou nesse navio, para pagar nossa passagem. Em Santos então, ele trabalhou como estivador, e eu sempre digo (risos), que situação de vida, né? Você assim, com curso universitário, tendo que trabalhar para sustentar sua família, no que era possível. Sem conhecer o idioma, sem ter nenhum contato com ninguém, né, numa terra completamente nova, com costumes novos, com língua diferente.

E aí, nós fomos encaminhados para a aldeia de Carapicuíba, porque tinha uma pequena colônia russa já, de antigos imigrantes na cidade. Então, nós fomos para casa de uma senhora que era viúva, que nos alugou uma edícula, no fundo do quintal, porque era uma pessoa com quem nós podíamos nos comunicar e poderia nos ajudar a fazer mercado, a levar pra igreja, ensinar como é que toma o ônibus, essas coisas corriqueiras, do dia a dia. Dona Eudósia, em russo é Эвдокия - Evdokiya. Foi assim, uma pessoa fantástica, mas, ela morava assim, perto de um matadouro, em Carapicuíba, até voltei recentemente lá, porque uns estudantes universitários também fizeram um estudo sobre as correntes migratórias da década de 50, e do lado era a aldeia indígena. Então imagine eu, branca, pequena, com as roupas todas diferentes, não sabendo falar a língua, olhada de lado, porque naquela época, todo mundo que vinha para o Brasil, estrangeiro, era considerado inimigo, né. Porque os brasileiros perderam muita vida na Segunda Guerra (**quase 500 mortos**). Então, eu tinha medo deles e eles tinham medo de mim (risos). Foi uma infância assim, hoje, que eu me lembro, que foi muito interessante. Eu digo assim “Meu Deus, da onde que eu tirei forças pra pequena, conseguir assimilar essa cultura brasileira, tão diferente, e, ao mesmo tempo, manter a cultura da minha família, porque

minha avó era professora universitária de literatura, e eu acabei sendo alfabetizada por ela em alfabeto cirílico, lendo histórias de contos de fada russos, e, ao mesmo tempo indo pra escola, e não entendendo nada do que se dizia lá em português, mesmo porque a minha idade era menor do que a idade exigida das crianças para entrar no primário, que era sete anos... então, foi assim, foram tantas dificuldades que forma me fortalecendo e me abrindo campos de vida, oportunidades, completamente do que as outras pessoas iam tendo com mais facilidade. E você me pergunta, como é que eu me considero hoje... Eu diria que eu sou uma brasileira de alma russa. Porque, assim, dizem que a nossa língua é a nossa pátria, né. A minha primeira língua foi a língua russa. Eu me formei, inclusive sou tradutora-intérprete.

- **A senhora fala russo?**

Falo russo. Escrevo em russo, às vezes eu penso em russo. Mas, ao mesmo tempo, eu me considero brasileira também, porque é a pátria que nos recebeu, que nos deu oportunidade de crescimento, onde eu me casei, onde formei minha família, onde tive meus filhos. Então, se você me dissesse, como eu me considero, eu sou assim: meio a meio. Porque eu não posso negar o meu sangue, minha língua primeira, as minhas origens, e também eu tenho muito orgulho de ser hoje uma cidadã brasileira, naturalizada. Consegui me naturalizar apenas em 73, já com quatro filhos brasileiros. Aos 25 anos.

- **Eu esqueci de perguntar, os seus pais já se conheceram no Campo?**

No campo. Porque a minha mãe, ela tomou esse trem, pra ir para onde o destino a levasse, não tinha condição de voltar pra terra dela, pra cidade dela. Com isso, os meus avós maternos, foram pra um gulag, porque quatro irmãos dela, jovens, morreram na guerra, os homens. Ela era de uma família grande, de quatro homens e três mulheres. E o meu avô que era chefe dos correios e telégrafo, e minha avó, que era professora primária, lá da cidade de **Kislovodsk**, perderam o emprego, e eles foram mandados pra ficar 10 anos num gulag, porque eles não sabiam se a minha mãe tinha sobrevivido ou não, mas como ela não tinha voltado pra casa e não foi dada como morta, eles consideraram que ela abandonou a pátria.

- **Ela não teve mais contato com eles?**

Ah, ela conseguiu contato, mas assim, foi uma história que daria outro livro. Porque ela conseguiu contato na época do... quem que foi antes do Gorbatchov? (refere-se ao Mikhail Sergeevitch Gorbatchov, ex-presidente da antiga União Soviética). Meu Deus, agora minha memória tá me falhando. Do Khrushchov. Na época do xx, foi uma coisa muito estranha, pois uma conhecida dela, da igreja ortodoxa que a gente frequentava, ela conseguiu descobrir que o marido dela tinha sobrevivido, e ela tinha vindo pro Brasil imaginando que ele tinha morrido na guerra, e ele sobreviveu. E tinha jornais onde você publicava onde você estava e procurando seus parentes, e num desses jornais, que era editado em russo, ela viu que o marido dela estava procurando. Aí ela foi pra Rússia pra encontrar-se com ele. Mas as duas filhas dela ficaram no Brasil, porque ela não queria mais voltar para a Rússia. Daí minha mãe disse, olha, leva esse bilhete, do último endereço que eu tenho da minha família, quem sabe, alguém me dá notícias deles. E por essa senhora, ela descobriu que a família da mãe já tinha estado na Sibéria, no gulag, e que tinha voltado para mesma cidade. Aí o bilhete da mãe foi parar na casa dos meus avós, e eles também responderam por essa senhora. Com isso eles começaram a correspondência, mas ela vinha toda aberta, ela era censurada. Todos os envelopes vinham com o carimbo da censura, porque não queriam que se falasse nada de política, nem de lá, nem de cá, porque foi a época da cortina de ferro.

**(Na época, o Brasil ainda cismava com uma intentona comunista, na era vargas e antes da ditadura, no pós-guerra)**

Então, depois, eu fui conseguir ir pra Rússia, a primeira vez, em 80, quando foi as Olimpíadas, em Moscou? Em 80 mesmo. Nós íamos na Olimpíada, mas minha mãe faleceu. Só três anos depois que eu consegui ir pra Rússia, mas eu fui pela Embrafilme, como tradutora e intérprete dos filmes russos pro português, porque estava começando a época dos vídeo cassetes. E foi então quando eu fui pra Rússia, de lá, de Moscou, depois do festival de cinema, eu fui até Kislovodsk, e conheci minha avó e minhas duas tias. contei a parte da história da mãe que eles não conheciam e que ela não pôde contar porque a correspondência era censurada. Encontrei com os colegas de faculdade da minha mãe, todos queriam me conhecer, e saber, como é que tinha sido a vida dela, né? E depois eu voltei mais umas 4 ou 5 vezes, daí por minha conta, pra fazer a pesquisa de onde a família do meu avô paterno tinha sido executada. Porque ele conseguiu escapar, mas a custo da vida dos seus. Então, ele se penitenciava muito por isso.

- **É bom ter esse ponto de vista, de quem viveu, esteve tão próximo de quem viveu, porque foi um período de inúmeros conflitos sucessivos e em sua maioria, a nível global. As pessoas geralmente estavam ou escassas de informação, ou no meio das guerras, né. Se envolvendo direta ou indiretamente. É triste, mas é importante ter essa história pra ser contada.**

É, eu sempre digo quando eu faço as palestras, porque sempre as escolas me convidam pra falar da primeira guerra, sobre a revolução Bolchevique. Então sempre digo pra eles que a história humana, ela tem as três versões: a versão de quem venceu, a versão de quem perdeu, e ela tem a versão depois, dos historiadores. Que se debruçam sobre essas duas versões e tiram suas próprias conclusões. Mas eu acho que a história dos que viveram, que foram pro frente, dos que enfrentaram as dificuldades, dos que sobreviveram, é sempre assim, vamos dizer, o lado mais forte. Porque sempre contradiz o lado 'oficial', que quer sempre colocar a vitória como um todo, enaltecendo tudo o que foi feito, menos o que o povo passou.

- **Seus pais se conheceram por volta de 1945, fim da Guerra, né? Você nasceu 3 anos depois que eles já estavam lá, em 48, e saem de lá no começo da década de 50, quando tinha 5 aninhos, por volta de 53/54. Vocês chegam, vão para Carapicuíba, temos essas passagens até de sua volta para Rússia, mas agora estando aqui em Jacaré, fico curiosa: em que momento, é a sua chegada no Vale do Paraíba?**

Então, o meu pai, na verdade, logo que ele conseguiu outro emprego, primeiro ele trabalhou numa fábrica de válvulas lá na região de Carapicuíba, depois nós fomos pra Lapa, depois na vila Anastácio, vila Zelina, que também tem uma colônia russa, para onde os russos foram nessas vilas mais periféricas, vila Alpina. Quando meu pai conseguiu um emprego na Volkswagen, aí nós mudamos para Santo Amaro, porque ele achou que o "ABC", era Santo Amaro, São Bernardo (risos), tudo quanto era Santo! Inclusive a gente foi para um lugar que era bem distante de onde ele trabalhava, mas aí já tínhamos alugado nossa primeira casa, da família mesmo, porque sempre moramos nos fundos das casas dos outros, e eu já estava então matriculado num colégio, de Santo Amaro, era ano de 1960/61. Ai o pai já estava numa situação de vida melhor, a gente já começou a fazer nossos passeios para Santos, para praia. A gente ia pra praia do José Menino, sempre nas férias íamos para Santos. Eu já tinha terminado o ginásio, estava fazendo o colegial, na época era clássico, científico, e normal. Os meus pais me matricularam no colégio alemão de Vila Mariana, pra eu aprender o alemão, que eles

achavam que era muito interessante eu falar um terceiro idioma. Era no colégio Benjamin Constant, da Vila Mariana. E eu, em 1 ano lá foi o pesadelo na minha vida, eu não conseguia entender nada em alemão, só aprendi a contar e a falar nome feio (risos). Eles queriam que eu fizesse, naquela época, o curso de secretariado, porque eu teria que me garantir para fazer minha faculdade, né. Eu teria que ter uma profissão, então eles achavam que, como eu falava o russo, falava o francês, o alemão seria ótimo se eu aprendesse também, e o português. Só que não deu certo. Aí fui estudar no Mackenzie. Fazia secretariado a tarde, e o curso clássico de manhã. Eu fazia esportes também, no esporte clube Banespa, fazia ginástica olímpica, começamos a viajar para competir, fomos campeões dos jogos da Primavera em Niterói, e nesse período veio uma nova leva de imigrantes russos, da China. E aí veio uma senhora e sua filha ficar conosco.. Porque como nós ficamos em casas de russos quando viemos pro Brasil, e pertencemos a esse núcleo da igreja (como agora, que estão organizando a vida dos imigrantes refugiados), e já estávamos assim, com uma casa que não era própria, mas era uma casa boa, com 3 dormitórios, nós acolhemos essa mãe e essa filha, que tinham vindo da China pro Brasil, que era Xênia Efimov. Que acabou se casando com um médico jacareense, o Dr. Carderelli. E quando ela se mudou para jacaré, eu comecei a vir passar as minhas férias aqui, e conheci o meu primeiro marido, que tinha recém-voltado da Alemanha, que ele era biomédico, e fez a residência dele na Alemanha, em doenças tropicais (imagine, fazer residência na Alemanha, em DOENÇAS TROPICAIS, risos). E ele tinha aberto um laboratório de análises aqui, e a mãe da Xênia, da dona Kátia, fiquei muito amiga dela, a adotei como uma segunda avó. Ela teve câncer e precisava de muitos exames, e esse médico recém-vindo da Alemanha, como meus pais falavam alemão, ele praticava com eles. Eles o convidaram, e era assim, aquelas coisas casamenteiras, sabe? Assim eu conheci o Muchagata. Conheci ele em julho, em fevereiro estávamos casados e eu estava morando em Jacaré. E não fui mais embora, isso foi em 65.

- **E é aí, então, que a gente pode considerar que começa a sua história pela região vale-paraibana? Após esse começo da fase industrial, já rodando pelas cidades, inclusive São José, que é neste momento que começam os comércios advindos do Vale realmente, é quando você chega?**

Comigo vivendo aqui, sim. Mas você sabe que por causa das crises de tuberculose do meu avô, porque existe um período em que a doença, ela fica adormecida, sabe? E tem outro período que fica ativa, então, é quando você tosse, com sangue, tudo mais. Então, eu conheci São José dos Campos antes, pelo sanatório Vicentina Aranha. Porque o meu avô quando ele precisava ser internado, ele foi internado em Campos do Jordão duas vezes, mas era muito longe, e se você pensar que a Dutra só tinha uma mão de direção naquela época, pra você chegar em Campos... às vezes a pessoa morria antes de chegar no sanatório, imagina! São José dos Campos era mais tranquilo pra você vir. Então, eu lembro do Vicentina Aranha, da década de 60, entre 59 e 61. E como era: a gente tinha que trazer todo o lanche, porque não consumia nada na rua. Por que? Eu tô te falando de 61, eu vim pra Jacaré logo depois, em 65. Jacaré parece que tinha 55 mil habitantes, e São José dos Campos tinha 40 mil. A gente chegava lá, você tinha que colocar um lenço, não tinha, máscaras ainda, você era proibida de entrar em bar, de tomar bebida, porque era um pavor tão grande de que as pessoas pegassem tuberculose, que assim, era uma cidade, vamos dizer, uma aura pesada. De doença. De doença, sabe? Quem é que queria morar em São José dos Campos com um monte de tuberculoso pra tudo quanto era lado, né? Inclusive, hoje o sanatório Vicentina Aranha, é um parque maravilhoso, é um sonho! O meu apartamento em São José é lá perto, e a gente abre a janela, e aquele ar puro, respirar aquele ar maravilhoso e eu penso “Meu Deus do céu, e pensar que em 61 a gente tinha medo até de respirar aqui!”

- **A cidade teve realmente uma fase muito pesada, é tão intrigante ver, como a cidade que era terra de doentes, ‘o formigueiro’, só tinha o sanatório, e muito campo, se torna: São José dos Campos. Como a gente conhece hoje.**

É! Então, você imagina, quando nós nos instalamos em Jacareí, ainda existia esse resquício de dizer “Porque não em São José? Ah... mas São José tem esse estigma de ser essa terra de doentes, e Jacareí é tão próxima, tão mais segura em termos de saúde (ainda era, nessa época, esse era o pensamento)”.

- **Interessante pensar que tudo lá começa por espaço de terreno e valores, né? Porque ninguém queria trabalhar lá, que dirá morar lá, mas área tinha. Aí começa uma primeira ‘industriazinha’ corajosa, um outro ramo ali, a chegada justamente, dos imigrantes aqui, que para aquela visão militarizada e muito xenofóbica ainda enrustida aqui, não eram pessoas da pátria, então esses locais cabiam a eles, o resto... Mas, alguém compra um pedaço de terra mais barato, e de repente os polos tecnológicos e militares se instalam aqui. De repente, São José não é mais resto. É a primeira cidade inteligente do Brasil, segundo a ABNT. O que significa estar aqui nessa passagem temporal?**

É, olha, é uma coisa assim, incrível. Você pensa que você participou dessa história, emocionalmente, visualmente. Porque meu Deus do céu, eu tenho tanta coisa da cerâmica Weiss, a gente ia fazer compra de presentes de casamento, eu lembro aquelas travessas maravilhosas pra se servir o peru de natal, aquelas peças que com pequenos defeitos que a gente comprava, mas que eram exportadas, eram assim designs assinados, e eles tiveram uma visão em termos de indústria para época, avançadíssima! E depois com as fábricas de tecelagem, a tecelagem Parahyba, que hoje é a Fundação Cultural né, abriga a FCCR, imagine você ali, quando você ia para Campos do Jordão pela estrada velha... e não tinha absolutamente nada! Nada. Onde se vê a Vila Maria. A gente atravessava aquele rio paraíba, que o Cassiano Ricardo immortalizou naquele poema maravilhoso, e íamos para Campos do Jordão, por aquela estrada que era buraco e terra. E imagine você que o meu pai, quando ele teve assim o primeiro dinheirinho que ele conseguiu guardar, a gente morava em Santo Amaro, no Brooklin Paulista. O Morumbi estava começando, o bairro do Morumbi, e com o dinheiro que ele tinha guardado, ele e a mãe, fazendo muitas economias, dava pra ele comprar um terreno no Morumbi. Um terreninho pra fazer uma casa. Que o Morumbi também não era o Morumbi de hoje, né? Os terrenos estavam com preços baixos lá. E aí, um amigo dele topógrafo, disse “olha, com esse dinheiro que você tem, você pode comprar uma chácara em São José dos Campos”. E ele comprou. Ele comprou num lugar chamado Capim Azul. Sem nunca ter ido lá. Ele comprou numa planta baixa. Então, a vida inteirinha, eu sabia que eu era herdeira de uma chácara, no bairro onde seria construído um bairro como em Campos do Jordão, porque era praticamente a mesma altitude. Só que: a gente nunca conseguiu chegar no terreno. Você pesquisando, na década de 60, ia ser construindo uma região de veraneio mesmo, na verdade, de invernia, para passar o inverno. Porque era alta, tem uma topografia maravilhosa, resquícios da mata. Mas toda vez que a gente ia pagar o imposto sobre terra em Monteiro Lobato, todo ano era obrigatória essa vinda até Monteiro, e dali, a gente não conseguia chegar na terra! Porque era uma estrada esburacada! Uma estrada no meio do nada, no meio do mato. Eu lembro que a minha mãe brigava com meu pai, dizia “meu Deus, você enterrou nosso dinheiro, nossas economias, NESSE LUGAR?”. Ele respondia “esse lugar é o lugar do futuro, eu estou garantindo o futuro da minha filha.” E ele sonhava, ele dizia “tem uma placa lá escrita assim: “este terreno pertence a Vladimir Saharovsky”. A gente acreditava! Eu só consegui chegar na chácara do meu pai, depois, com o mapa, já tinha estrada que ia pra esse Capim Azul, e era assim: a estrada aqui, a montanha, pra baixo era uma parte bem baixa, e a outra subindo o outro morro. Quando eu voltei meu pai todo animado “E aí, você viu a minha placa lá, você viu a minha terra?” E eu falei, pai, pra gente chegar lá, só se for de

helicóptero. Porque a sua parte da terra, que na planta era algo horizontal, na verdade começava aqui, no meio do vale, cortada por duas chácaras, a estrada, e depois era uma ribanceira. Tinha outro pedaço da chacara que ficava dividido pela estrada e pelo vale, lá embaixo. Eu falei olha pai, esqueça, porque é impossível de chegar lá, só se for de helicóptero mesmo. Mas eu passei, e ele: “e você viu a placa?”. Coitadinho! Ele sonhou tanto com aquela terra, que ele ia plantar pessegueiro, que tinha nascente de água. Ou seja, esse topógrafo que vendeu pra ele, vendeu, na verdade uma terra completamente imprestável, vamos dizer. Tanto que, depois que ele morreu, eu esqueci dessa minha herança, parei de pagar o imposto, e hoje deve ter alguém lá com usucapião, os vizinhos devem ter tomado conta, mas, realmente assim, foi um conto do vigário bem elaborado. De um vigário russo, ainda por cima, era um conhecido da família.

Então, pra você ver assim, como você falou, como em poucos anos, tão poucos anos, tantas mudanças. Hoje quem sabe até, eu possa aproveitar desse terreno, fizesse o tal do pedido de servidão de passagem, mas foi uma decepção tão grande, porque, o pai, antes de morrer ele dizia “Ah, eu tô tão feliz que você é uma proprietária de uma terra muito boa, que vai ficar pros meus netos”. E eu concordava, né, dizia, ah, sim, pai! Muito obrigada! (risos). Então, eu conheci essa região, assim. Para você ter uma ideia, hoje, aquela avenida Cassiano Ricardo que passa ao lado, era perto de onde as meninas começaram a fazer balé, numa escola que hoje fica no centro do bairro. E nossa, não tinha nada lá! Absolutamente nada. Hoje, a minha filha, por exemplo, mora lá, num condomínio. E eu penso, nossa, se a gente tivesse essa visão, teria comprado, porque as pessoas, pra você ter uma ideia, vendiam terrenos lá, a troco de guitarra elétrica! O meu marido, o Muchagata, ele tinha um violão, e ele recebeu uma proposta de uma pessoa que tinha um terreno ali, e a pessoa disse: “olha, eu troco com você pelo violão, não aguento mais pagar imposto, pagar IPTU, essas coisas”. E ele não aceitou, dizia que também não queria, pra que ia querer terra naquele fim de mundo, na beira da Dutra... Olha!

- **Bom, então a senhora casou, veio pra cá em 65, e criou a família, né? Quantos filhos a senhora tem?**

Quatro. Duas filhas, e dois filhos. Minha primeira filha nasceu em 65 mesmo, me casei em fevereiro, ela nasceu em dezembro. Depois, meu marido, como era bem mais velho que eu e era filho único, ele tinha pressa, a minha sogra tinha Rh negativo, só consegui ter ele, depois não teve mais filhos. Então, era uma cobrança assim. E eu voltei da lua de mel, com uma vontade de chupar limão, e ela disse “você está grávida”. A minha mãe desesperada, “pelo amor de Deus, ela não pode estar grávida, é muito jovem! Ele prometeu pra mim que não ia!”. Naquela época estava começando o comprimido anticoncepcional, e eu realmente voltei da lua de mel grávida! A minha segunda filha com isso, nasceu em 67, meu filho em 68, e o caçula em 72. Os dois últimos são joseenses.

Se chamam, respectivamente, Márcia, Ludmila (risos), Antônio Sérgio, e Erik.

A Ludmila, meu marido saiu daqui para registrá-la como Larissa. Mas no cartório, o homem do registro disse “Mas Ludmila, um nome tão lindo, porque que não tem o nome da mãe?”. Aí chegou em casa, ele tinha registrado como Ludmila. Eu falei que então tá bom, né, tinha uma Júnior na família.

**Comento que meu pai também é pai de quatro. Mas só mulheres.**

**Ela brinca:**

Quatro meninas. Ainda bem que parou nas quatro, não foi tentando. Aqui em Jacareí tem uma família que teve acho que 9 meninas, e tiveram depois um menino por último

**O último filho, caçula homem, depois de 9 mulheres? Meu Deus, isso não é nem lobisomem, não sei nem qual folclore é esse. (rimos).**

É, eu tive as duas meninas primeiro, mas meu marido queria demais um menino. Desde a primeira gestação, quando ele soube que era menina, ele disse “vamos tentar, o segundo virá um menino”. Veio uma menina. Daí, vamos tentar: e no terceiro veio menino. E o caçula veio também.

- **A senhora lembra quantos anos tinha sua mãe quando ela teve você?**

Minha mãe era de 23, para 48. Tinha 25. Ela era de 23, e meu pai de 21.

- **Fiquei com uma dúvida sobre uma passagem da senhora: como em 80 não puderam ir para a Rússia para as Olimpíadas, com o falecimento da sua mãe, foram 3 anos depois com a Embrafilme. Foi em 83 mesmo, isso?**

Em 83 mesmo. Eu nem fui pela Embrafilme, na realidade, eu fui porque nós abrimos a primeira video locadora aqui do Vale, aqui em Jacareí.

- **Que legal, e como era o nome?**

Pré-estreia. Aí, o meu marido sempre gostou de tecnologia. Assim, a gente teve o primeiro celular, aquele tijolão, porque quando nós viemos aqui em 65, o telefone era de manivela. Você acredita? O número do meu telefone era o 23. Era assim, deste tamanho (demonstra ela, apontando para um gabinete com aquele bocal, você virava a manivela, a telefonista que atendia e você dizia “Me ligue com o número 25”. E lá na central de telefonia é que ela ligava a linha com aqueles plugs. Para falar com São Paulo, você tinha que marcar um horário. Por exemplo, você marcava de manhã e ela dizia “esteja aqui às 14h, que é o horário que conseguirei fazer a ligação”. Você aguardava no telefone às 14h, ficava sentado lá, 14h10, 14h15, 14h25... E ela ali, na manivela, tentando fazer a ligação. Então assim, tudo que era tecnológico, a gente tinha em primeira mão aqui em casa, porque ele adorava. Por isso, quando começaram os vídeos, ele disse “nós vamos comprar os vídeos no exterior, no leste europeu, russos, e você vai traduzir”. Tanto que as primeiras traduções de filmes russos, do Tarkovski, o Dersu Uzala, que acho que foi o primeiro vídeo russo traduzido, as traduções foram minhas. Ele comprou uma ilha de edição, daí edita os vídeos europeus, e ele falava alemão, então ele traduzia do alemão e eu do russo. Então, quando teve esse festival de Moscou, nós já éramos amigos dos dirigentes da Globo Vídeo, que estavam começando com isso também. E então nos encontramos na Rússia, e eles disseram, “ah que bom, que você fala o russo e o português, você vai nos ajudar a escolher os títulos”. Então eu acabei criando laços de amizade depois, nas outras viagens que fizem, acabei indo junto, não fui contratada por eles, mas fizemos esse laço.

- **Onde ficava a Pré-estreia aqui em Jacareí?**

Aqui em casa. Porque eu tenho um estúdio, depois eu te mostro. Tenho um estúdio ali embaixo, e a minha vida tornou-se um inferno (risos). Aliás, não só a minha como a das crianças, porque o pessoal sabia que a gente tinha vídeo, e naquela época vídeo pirata ainda, então era a campanha tocando de manhã, de tarde, de noite, sábado, domingo... cê não imagina!

**(fico imaginando a situação: uma mulher russa, em meio a um regime militar, com difamações sobre intencionas comunistas, abordada sobre vídeos de fora!)**

**- Vocês sempre moraram aqui então?**

Foi, foi, a nossa primeira casa. Nós compramos essa casa, não era assim como é agora, era uma “chacrinha“, chamava-se Vila Cida. Aí, tinha coelheira, galinheira, tinha poço, a água não vinha pelo SAAE, não tinha ainda. Ali onde é minha copa era o poço, de puxar mesmo, tinha o motor que você ligava, a água vinha, enchia a caixa d’água. Só tinha um táxi na época, a gente fazia compras no mercadão, porque não tinha supermercado e subia de carroça com as compras.

**- A senhora comentou de São José, Você morou lá. Trabalhou lá. Em que momento, quando foi essa transição? Como foi?**

Eu comecei a escrever logo que vim para Jacareí. Porque a minha vida sempre foi ligada à literatura, por conta da minha avó. Como meus pais e meus avós não falavam português e tinham que acompanhar os meus estudos, primeiro eu estudei em uma escola russa, que os padres montaram. O padre Gregório, foi uma pessoa maravilhosa, ele começou a perceber que as crianças não estavam aprendendo nada do jeito que estava sendo ensinado. Indo de casa, falando russo, pra escola, onde não entendiam nada do que os professores estavam falando. Nós chegamos a combinar de fazer xixi. Combinamos, as crianças, de fazer xixi no uniforme, na sala de aula, porque aí, molhados, tinha que voltar para casa. Em casa, tomava aquela baita surra, tomava banho, ficava de castigo, e nos dias seguintes a mesma coisa. Preferia voltar para apanhar do que ficar ali, sofrendo bullying, porque as outras crianças não se achegavam na gente no recreio. Era um estranho no ninho! Não tínhamos amigos pra conversar, não entendíamos os professores. Então, vendo isso, esse padre pegou as pessoas que já eram da colônia russa, e fez uma escola paroquial, onde a gente aprendia português e russo, matemática, história, geografia... Assim, aos poucos, a gente foi, aprendendo e entrando no alfabeto, inclusive, no alfabeto latino. E aí, a vó tinha que tomar lição de mim, e tinha que saber se eu estava aprendendo português. Então, o que que ela fazia: ela ditava textos de escritores russos que eu tinha que passar por português. E depois, do português, voltar para o russo, e ler de volta pra ela.

Então nossa, foi um período em que a minha cabeça, coitadinha de mim, deu uma abertura! Porque foi aí que eu comecei a entender o bullying, porque eles me chamavam de “Lá de Minas”, em vez de Ludmila. E eu não entendia porque chamavam de “Lá de Minas”. O Saharovsky virou saca-rolha. E riam! Os próprios professores achavam aquilo engraçado. Então, por exemplo, numa chamada de tabuada, eles mesmos falavam: “agora é a vez da lá de Minas”. E com isso, eu inventei um nome pra mim. Eu me chamava Maria Lúcia da Silva

**- Mais português brasileiro, impossível!**

Sim! Então, todos os meus cadernos tinham esse nome escrito, inclusive até os meus amigos de ginásio, agora que eu reencontrei, com internet e tudo, eles não me chamam de Ludmila. Eles me chamam de Lúcia. Porque, o Ludmila, em russo, ele tem várias formas carinhosas de se chamar, apelidos, né? Mila, Miladyk, Ludyk, Lurda e inclusive, Lúcia, então eu falei “Bom, eu não tô mentindo. Eu só estou sendo chamada pelo meu apelido russo”. O meu certificado de admissão do ginásio está lá: Maria Lúcia da Silva.

- **Que você inventou pequena, pra pararem de incomodá-la com seu nome. Olha só!**

É porque eu não queria mais aquela encheção, não queria que mudassem meu nome, esse bullying. Foi algo que marcou. As pessoas falam do bullying, e a gente, quando é criança, encontramos situações pra conciliar a dor, transformá-la numa coisa boa. Os meus pais, eles também não achavam estranho me chamarem de Lúcia, porque em casa eu era “Liucia”.

- **Ludmilla, em russo, qual a diferença sonora? Fala-se assim também?**

Fala-se “Lhudtmila”. Lud, é povo. Mila, é amada. Amada pelo povo, se for traduzir assim, ao pé da letra.

- **Entendi! Então, já ciente do alfabeto, continuando escrevendo, influenciada pela sua avó, como começou a escrita aqui na cidade, na região?**

Quando eu vim a Jacareí, teve um concurso no aniversário da cidade e eles lançaram com o tema “Minha Cidade”. E eu escrevi uma crônica, de noite, dando mamadeira para as crianças, eu pensei, que que eu sinto de Jacareí? Escrevi uma crônica, que nem era uma crônica, nem um conto. Sinceramente, eu não sei que gênero era aquilo. Mas ganhei o primeiro lugar. E aí, com isso, recebi menção honrosa na câmara, aquela coisa bem interiorana. E um jornalista do jornal Combate, ele me disse assim: “Você não gostaria de escrever pro jornal?”. O jornal era de chumbão naquela época, já deve ter visto num museu (risos). Então eu comecei a escrever, e a minha primeira coluna, o pessoal começou a gostar de eu escrever. E então começaram a me chamar, me convidaram no Agora, no Valeparaibano, quando ainda eram todos de chumbão. Escrevi em todos os jornais da época que eram de Jacareí. E fui escrevendo, virei cronista, a primeira crônica que publiquei acho que foi em 72. Então, eu comecei assim, comecei através de uma crônica que ganhou primeiro lugar, comecei a escrever nos jornais, em todos, no Jacareense, no Diário de Jacareí. Até começar também a escrever nas revistas, eu comecei na revista perfil Mulher e escrevo até hoje na Absolut, sou cronista na revista. Hoje eu tenho um blog, Espelho D’água, escrevo bastante nas minhas redes sociais. Meu livro mais recente, inclusive, é só com os textos que eu escrevi na pandemia.

**Nesse momento, dona Ludmila me leva pra passear pela casa o terreno cheio de mudanças onde ela criou sua família. Ela conta que pelos 1000m quadrados de área, tudo foi sendo readequado, e agora, os filhos já estão casados, já estão em seus lares e ela brinca que segue com esse casarão, do qual tem pena de se desfazer.**

**Indo para uma espécie de edícula, ela me mostra as imagens. Os ícones russos e as imagens, a arte vale-paraibana, se misturam, se fundem. Ela me aponta para as estátuas, quadros, pinturas:**

Aqui tem as coisas vale paraibanas dos museus, porque sempre pesquisei a história do Vale do Paraíba, esses presépios que são de figureiras que acho que hoje, todas já morreram. Muitos artistas da região estão aqui, que acabaram virando meus amigos.

**Pedi para registrar essas relíquias, o seu pequeno tesouro particular.**

Fui capa da perfil numa edição, sim “As Alquimistas estão chegando” (risos). - **Ela aponta para uma foto onde segura um certificado** - Aqui, de quando fui presidente da Fundação Cultural de Jacareí, com o prefeito da cidade, o diretor da pinacoteca.

Aqui está tudo que eu escrevi. Não é só a minha história. É a história da cidade. Eu guardo para manter isso vivo, eu quero poder doar um dia, esse acervo. Tudo que escrevi, mas que conta os detalhes daqui, da nossa região. Pode ver, ainda nessa pasta, já em 81. Ainda usávamos o trema, dois pontinhos sobre a letra U. Isso tem que registrar. Eu não tenho registros da minha família, muito se perdeu. Eu não tinha nem meus documentos, sabe. Depois que eu consegui registrar a história da região, aos poucos eu fui guardando tudo. E guardo tudo que posso.

Aqui, neste quadro, você vê as lavadeiras de Jacareí, bem na beira do Rio Paraíba.

Esse texto, essa crônica, foi sobre a minha primeira boneca. É sobre a minha família, e a primeira boneca que ganhei.

Isso é um samovar, é de fazer chá.

Aqui você coloca o carvão, a água aqui, neste outro compartimento. Deste lado, você coloca um bulinho com o extrato do chá. E aqui você serve.

**- Há quanto tempo foi sua última viagem à Rússia?**

Faz mais de 10 anos que não vou pra lá. Inclusive, a gente precisa conversar nos idiomas. O russo às vezes estou esquecendo. Quando ia pra Rússia, voltava falando russo com os meninos. Às vezes esqueço, de repente fico “como é que a porta mesmo? Meu Deus, como é que é porta em russo?”, e não vem, sabe, essas palavras corriqueiras? Tanto que agora eu tô fazendo só versões traduzidas do russo pro português, do português para o russo, eu não tenho mais vocabulário, para ser uma tradução simultânea.

**Na curiosidade que é solicitada a um jornalista, perguntei sobre o alemão. Se ela acabou aprendendo.**

Não. Fiquei no “eins, zwei, drei”, somente (risos).

**Nada que atrapalhe seu status de poliglota, já que ela fala francês, russo, português e o inglês, devido a muita leitura. Dona Ludmila conta boas histórias em diferentes línguas, e apesar da aversão, também conta números cardinais em alemão.**

**- Quando foi que a senhora morou em São José?**

As crianças sempre estudaram lá, porque aqui, depois do primário, a gente considerava que era melhor educá-los em São José. Estudaram no Olavo Bilac e faziam suas atividades lá. Então, minha vida era dormir em Jacareí, e passava o dia em São José. Depois da escola, faziam balé, ginástica, judô. Então, por isso a gente sempre teve um apartamento em São José, como um ponto de apoio. Meu primeiro marido chegou a ter um laboratório lá também, quando abrimos a videolocadora, chegamos a ter uma em São José também.

E, quando eu me casei, com esse meu marido que faleceu recentemente, Livingston, ele foi o meu primeiro namorado. Lá de São Paulo ainda, sabe? A gente se reencontrou pelo Orkut, imagina. Antes dos meus outros casamentos, ele foi meu primeiro namorado. A mãe dele havia falecido, e nós fazíamos a mesma escola, em um Instituto de educação. E era aquela coisa de dar as mãos, o primeiro

beijo, éramos muito novinhos, crianças ainda. Com a partida da mãe dele, ele mandou ele e os irmãos juntos para um internato em Minas. Nos separamos assim, saímos de férias, e quando voltei de férias ele não estava mais lá, na escola.

A vida seguiu, eu me casei, ele se casou, a gente se reencontrou quando fizemos um encontro dos colégios. Mas ele não estava nesse encontro, só que já me seguia pela internet. Foi uma longa história até que realmente nos reencontramos em 2007. Ele era engenheiro dessas plataformas de petróleo para a Petrobras, ele se aposentou da empresa, e ele veio para cá, para Jacareí. Porque que nós voltamos: minha vida toda, intelectual estava aqui. Meus trabalhos, meus conhecidos. Meus filhos estão espalhados, mas uma das minhas filhas trabalha em São José, no hospital da Vila. E decidimos aproveitar também lá, a cidade, por isso arrumamos um apartamento próximo do Vicentina Aranha. Ficamos 15 anos dessa forma, passando a semana aqui, em Jacareí, e no fim de semana, íamos para São José dos Campos. E agora, ele faleceu em fevereiro deste ano. De covid.

**- O que é São José para você? Como você definiria?**

Você sabe que tem uma coisa interessante: quando me perguntam onde eu moro, eu digo que Moro no vale do Paraíba. Porque assim, eu tenho uma ligação afetiva não só com Jacareí e São José dos Campos, tenho com Caçapava, tenho com Taubaté, que foi onde meu marido fez a faculdade. tenho com Aparecida do norte. Então assim, o Vale do Paraíba inteirinho está no meu coração! A serra da Mantiqueira, a serra do mar, o litoral. Eu tenho uma relação de amor com o Vale do Paraíba. Quando eu penso em São José dos Campos, eu não penso uma cidade industrial, nem como uma cidade de tuberculosos. Penso nela, como uma cidade linda, do Vale do Paraíba. Eu olho o banhado, e lembro do Vale. Vejo Mantiqueira, de qualquer lugar onde enxergo, e lembro do Vale. Então, eu não diria que amo Jacareí, São José ou as e mais cidades todas que vai de São Paulo ao Rio. Tenho uma relação do mais puro amor com o Vale do Paraíba. Me sinto uma criatura vale-paraibana.

Eu gosto da cultura do vale, da arte do vale. inclusive, quando me dizem assim, o que da tua cidade, te representa? Eu não lembro do bolinho caipira, por exemplo. Me lembro das figureiras, que são do Vale, dos naifs, que são do vale, dos escritores, desde lá de Areias, pessoas que deixaram uma patente desse regionalismo. Eu morei em São José, moro em Jacareí, não morei em outros locais do Vale, mas assim: dizem que quando a gente bebe do rio Paraíba, a gente sempre volta. Pro Vale.

**- No sentido de imigração, não posso deixar de citar. Você comenta que tem esse orgulho, que se considera uma brasileira de alma russa. E aqui, no país, essa diversidade histórica se estende, ainda estamos repletos de imigrantes. Misturas diversas, gerações já diversas, sobrenomes juntos e misturados. O Brasil foi e ainda é, ponto de chegada, mas muitas pessoas que vieram pra cá, também partem do Brasil para viajar, voltar para terra natal. Pensando nisso, o que é o Brasil no seu todo pra você? Na hora de viajar, o país é lar? É sua casa? O que você mais gosta aqui?**

O mais interessante é isso. É que quando eu estou no Brasil e me perguntam minha origem, eu digo, minha origem é russa. Mas estando fora, digo muito feliz que sou brasileira. Eu custei para ter minha cidadania brasileira. E eu me orgulho demais do Brasil. Tudo me encanta! Essa diversidade, essa cultura. A culinária maravilhosa, o fato do Brasil ser desse tamanho, ser um país continental, e ter mantido sua língua, a mistura das línguas, esses sotaques. Apesar de alguns pesares, há um respeito em

comparação com outros estados países e modelos de governo, onde é possível o respeito à diversidade. A toda essa cultura. Você vê, da religião ao folclore. Pode melhorar? Sim, mas essa liberdade é a princípio. Porque falar do Brasil, em certos momentos parece que você está falando de várias nacionalidades em uma só. O clima maravilhoso. As pessoas são muito hospitaleiras. O que eu recebi de benefícios na cultura brasileira, é uma coisa inexplicável. E eu me orgulho muito! Muito, porque, quando eu vim pequena, eu falei com sotaque até entrar no ginásio. Falava palavras no masculino, quando eram femininas. E pra mim, virou um desafio. Falar o português. Hoje, devido às minhas possibilidades, da minha história, penso que falo até melhor que alguns brasileiros natos. Ao menos igual. É a língua na qual eu penso, é a terra dos meus filhos. É a terra onde enterrei os meus mortos.

Eu fico muito emocionada. Muito agradecida ao Brasil. Eu me fiz gente aqui. Eu vim criança, e me tornei mulher. E sabe... É difícil você não ter uma pátria. Por mais que você saiba de onde veio, tenha uma pátria, mas você não ter aquele lugar nos seus documentos, você passar uma grande parte da sua vida como apátrida. Você não imagina o quê que essa palavra pesa. O peso, o peso dessa palavra. Apátrida. Sem pátria. Dói. Te tira um lugar pra voltar. Então, se eu vejo hoje alguns brasileiros tendo vergonha de seu país, por ser daqui, eu me entristeço. Porque, no fundo, essa chance de lutar do brasileiro, prova a liberdade que o país tem, e muita, muita gente não tem. Então antes de ideologias, dos problemas, que para mim, não são DO PAÍS. São de pessoas, atingem o mundo todo. Antes desses problemas, amar seu país, a sua pátria, isso é que permite a mudança. Ser e fazer melhor.

Sabe, meu avô, quando ele foi enterrado, antes, ele me deu um tubinho. Ele falou pra mim “olha, esse tubinho tem a minha terra. A terra da minha pátria.”. A pátria que ele teve que deixar. E muitas vezes, aqui, as pessoas têm uma pátria. E não dão o valor devido à terra. Esse chão, onde estão enterrados seus umbigos. Para mim, isso é muito, muito forte.

O país é novo. Quando o Brasil foi descoberto, Moscou tinha a idade que tem o Brasil hoje. Logo mais, fará 1100 anos. Imagine. Há muito para crescer.

**- Pra fechar, dona Ludmila. O que é ser imigrante?**

Olha, é estar fora do seu país, sim, claro. Mas dependendo da história que você quer fazer, estudando, trabalhando, vivendo fora, criando família, também é reinventar o seu, com o do outro. Eu fiz assim. Eu sabia da Rússia, eu sou originária de lá, esse corpo é de lá. Mas eu misturei tudo como pude, pra viver. Por isso, sou brasileira. A minha alma é russa. E meu coração, vale-paraibano.

**ANEXO - FICHAS DE ORIENTAÇÃO****FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL**

Alunos presentes

1- *Barbara Luiz Silva*

2-

3-

4-

Temas discutidos:

*→ como dividir os imigrantes (definir os tipos) e estabelecer as paralelas com a história de São José dos Campos.*

Desenvolver:

*→ finalizar a última entrevista com a imigrante russa;  
→ desenvolver referencial, embasar a pesquisa principal.*

Próxima reunião: *15 / 03 / 2022*Visto do grupo: *[assinatura]*

Visto do orientador:

*Mizete M. Korychi*

## FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Alunos presentes

1- Bárbara Figueiredo

2-

3-

4-

Temas discutidos:


→ separar os links e livros que irão para o referencial.

→ definir a história da cidade e quais fases serão trabalhadas (segundo datas dos imigrantes em SSC).

Desenvolver:

→ definir o tipo de produto a ser desenvolvido  
→ começar o desenvolvimento das etapas da peça (produção e etc).

Próxima reunião: 30/04/2022

Visto do grupo: 

Visto do orientador:

Elizabete M. Rodrigues

### FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Alunos presentes

- 1- Bárbara Fiz dilva
- 2-
- 3-
- 4-


Temas discutidos:

- referencial teórico
- requisitada a justificativa e objetivos
- fontes e onde ler
- sobre a pesquisa exploratória

Desenvolver:

- finalizar referencial
- descrever até o atual desenvolvimento da pesq.

Próxima reunião: 16, 05, 2022

Visto do grupo: 

Visto do orientador: Elizabete M. Kobayashi

## FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Alunos presentes

1. Bárbara Figueiredo

2-

3-

4-


Temas discutidos:

→ Estabelecer as citações no produto, buscar mais detalhes de arcabouço, e como finalizar o referencial.  
→ agitar regras ABNT

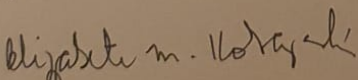
Desenvolver:

- desenvolvimento do produto (escrita do livro)  
- fechar o documento para o ppi-tes (até atual desenvolvimento da peça)

Próxima reunião: 30/06/2022

Visto do grupo: 

Visto do orientador:



## FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Alunos presentes

1- *Barbara Figueiredo*

2-

3-

4-

Temas discutidos:


→ *Inserção dos anexos, adequar a introdução  
ao manual atual do T6 JOR*

Desenvolver:

→ *trabalhar no desenvolvimento do produto / escrita da  
leitura*

→ *decupar todas as entreleitas*

Próxima reunião: *05, 07, 2022*

Visto do grupo: 

Visto do orientador:

*Elizabete M. Pedrosa*

## FICHA DE ORIENTAÇÃO MENSAL

Alunos presentes

1- Bárbara Luiz Silva

2-

3-

4-

Temas discutidos:

→ ideias de referencial sobre imigração, imigrante, migração.

→ explicação da ideia de produto.


→ informações de fontes e observações dos Atlos das migrações

-

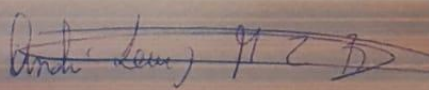
Desenvolver:

→ finalizar pré-dec + finalizar referencial.

Próxima reunião: 17 / 06 / 2022



Visto do grupo: 

Visto do orientador:



## ANEXO - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA E IMAGENS

Assinatura: Tomás Andreas Guerra Medina

---

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Barbara Luiz Silva, portador (a) do RG 38.274.294-4 e CPF 350.182.578-69, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela FVE/UNIVAP, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 27/02/22, pelo aluno (a) e FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a FVE/UNIVAP poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, 27 de Fevereiro 22.


Assinatura: Tomás Medina G.

Nome: Tomás Medina G

End.: Av. Cidade Jardim

CPF: 242410776813

---



Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -  
www.univap.br

Assinatura: Yoichi Kurotaki



### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Barbara Liza Silva, portador (a) do RG 38.274.284-1 e CPF 350.132.578-63, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela FVE/UNIVAP, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 03/04/22, pelo aluno (a) e FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a FVE/UNIVAP poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, 03 de abril de 2022

Assinatura: \_\_\_\_\_


Nome: \_\_\_\_\_


End.: \_\_\_\_\_

CPF: 439.697.528-34

Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -  
www.univap.br

Assinatura: Ludmila Saharovsky

  
 Universidade do Vale do Paraíba

  
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação

---

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno (a) Barbara Leuz de Lima, portador (a) do RG 38.274-294-1 e CPF 350.882.568-69, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela FVE/UNIVAP, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 31/08/2022, pelo aluno (a) e FVE/UNIVAP, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home vídeo", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da FVE/UNIVAP, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno (a) e a FVE/UNIVAP poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

São José dos Campos, 13 de agosto de 2022


Assinatura: Ludmila Saharovsky

Nome: Ludmila Saharovsky

End.: Rua Francisco Teodoro 300

CPF: 109.617.528-23

---



Av. Shishima Hifumi, 2911 - 12244-000 - São José dos Campos - SP -  
[www.univap.br](http://www.univap.br)

## ANEXO - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS

Autorização do uso das imagens de acervo do Memorial Kanebo do Brasil - cedidas pela pesquisadora Juliana Kobayashi

**De:** Juliana Kobayashi <juliana.kobayashi@hotmail.com>

**Enviado:** terça-feira, 4 de outubro de 2022 10:09

**Para:** Barbara Silva <barbara@vanguarda.tv>

**Assunto:** RE: SOLICITAÇÃO DE ACERVO DE IMAGENS

Autorizo o uso das imagens anexas para fins de ilustração no livro-reportagem

"Os Caminhantes - Relatos de Migração Internacional em São José dos Campos",

produto do trabalho de conclusão de curso em Comunicação

Social com ênfase em Jornalismo da aluna Bárbara Liz Silva

- RA 01911279 da Universidade do Vale do Paraíba.

Há outras fotos aéreas que vou encaminhar em e-mail separado devido ao seu tamanho. Se for colocar crédito nas fotos, pode escrever que são do acervo da Kanebo do Brasil.

Atenciosamente,

**Juliana Kobayashi**

Memorial Kanebo do Brasil

## ANEXO - IMAGENS DE ACERVO E CAPTURAS

Família Guerra: Paola, Joaquim e Tomás Andreas



Ludmila Saharovsky e acervo de publicações, textos e arte particular





---

## Ludmila Saharovsky

Cronista desde 78 dos principais jornais e revistas do Vale, tem seu nome dado à biblioteca da Faculdade de Educação Tereza Porto Marques de Jacareí. Dramaturga e Poeta tem publicado os livros “Te sei” e Tempo Submerso, a peça infantil Pitti e o Roubo do Sol e o monólogo A Pedra e o Lago e os poemas “No útero de Deus”.

[www.ludmilasaharovsky.com](http://www.ludmilasaharovsky.com)





Senhor Yoichi Kurotaki



Imagens antiga fábrica da Kanebo do Brasil - Acervo do Memorial Kanebo do Brasil

